

# Onde se contam boas histórias, todo mundo se sente em casa.

Lugar onde a inspiração corre solta, com estantes recheadas de grandes obras e palco de solo fértil para trocas de conhecimentos que promovem o seu encontro com o universo da leitura. Conheça as lojas da Livraria Cepe Editora ou visite agora mesmo nossas prateleiras digitais.



### Livraria Cepe Editora | Paulo Freire

Sede

R. Coelho Leite, 530, Santo Amaro - Recife/PE

Livraria Cepe Editora | Tarcísio Pereira Centro de Artesanato de Pernambuco

Av. Alfredo Lisboa, Marco Zero - Recife/PE

Livraria Cepe Editora | Ramires Teixeira

■ Museu do Estado de Pernambuco Av. Rui Barbosa, 960, Graças - Recife/PE Livraria Cepe Editora | Germano Coelho

■ Mercado Eufrásio Barbosa

Av. Doutor Joaquim Nabuco, Varadouro - Olinda/PE

Livraria Sesc | Cepe Editora

**■ CPC Sesc** 

R. Cônego Benigno Lira, s/nº, Centro - Garanhuns/PE

Livraria Cepe Editora virtual

www.cepe.com.br/lojacepe

Entrega em todo o Brasil. Opção de retirada gratuita na loja da Sede.



















Literatura e Arte no Ciclo de Alfab<mark>etizaç</mark>ão, Revista #6, Ano 2022

Revista d<mark>o Cen</mark>tro de Estudos em Educação e Linguagem – CEEL

A Revista <mark>do Ce</mark>ntro de Estudos em Educação e Linguagem (CEEL) tem como objetivo primordial promover um debate em torno das produções culturais que circulam dentro e fora da escola e que formam leitores da literatura e da arte.

### Organizadoras

Beatriz de Barros de Melo e Silva Ester C. S. Rosa Maria Helena Santos Dubeux Telma Ferraz Leal

### Designers

Breno Chamie - Projeto Gráfico Rodrigo Fischer - Ilustrações Maria Gabriela Alves Lima – Diagramação

Catalogação na fonte elaborada pela Biblioteca do Centro de Educação da UFPE

1775

Literatura e arte no ciclo da alfabetização / UFPE, Centro de Estudos em Educação e Linguagem. – Ano 1, n.1 (set. 2017) Recife: CEEL/UFPE, 2017-.

Anual.

ISSN 2595-6086

Fascículo atual Ano 6, n. 6 (nov. 2022)

1. Literatura. 2. Arte. 3. Alfabetização. 4. Leitura. I. Silva, Beatriz de Barros de Melo e (Org.). II. Rosa, Ester Calland de Sousa e (Org.). III. Dubeaux, Maria Helena Santos e (Org.). IV. Leal, Telma Ferraz (Org.).

372.4 CDD (22.ed.)

### **Autores**

Adilza Regina de Lima e Silva Ana Cristina Gomes da Penha Ana Luiza de Souza Amanda Breckenfeld Beatriz de Barros de Melo e Silva Carmem Lúcia Bandeira Clarissa Galvão Clecio Bunzen Cleonice Estruc Cícera Maria Cristiane Renata da Silva Cavalcanti Deborah Echeverria Deise Silva **Enderson Costa** Evaldo Gomes da Silva Flavio Medeiros Giselma Maria Alves Gomes da Silva Gabriel Santana Gertrudes Lins Inês Maia Ingá Patriota Isis Thayzi Silva de Souza Karine Nóbrega Lucia Helena Cysneiros Maria das Graças Vital de Melo Maria de Fatima da Conceição Dutra Maria do Carmo Cintra S. dos Santos: Maria Helena Santos Dubeux Maria Liliam Padilha Ferreira Marlene Barbosa Maurício Barbosa Lopes Mizia Batista de Lima Silveira Mônica Alves Coelho do Santos Nympha Muniz de Alencar; Monica Alves Patricia Vasconcelos Ronaldo Silva Adriano Dias de Andrade Salmo Sostenes Pontes

Rávanny Landim

Telma Ferraz Leal Tereza Marinho

Thaís Maria Cecília da Paz

### Revisora

Ana Lima

### **Parceiros**

Biblioteca Comunitária Amigos da Leitura Biblioteca Comunitária Caranguejo Tabaiares

Biblioteca Comunitária Cepoma

Biblioteca Comunitária de Comportas Heleno Veríssimo

Biblioteca Comunitária do Alto do Moura

Biblioteca Comunitária Educ Guri

Biblioteca Comunitária Poço da Panela

Biblioteca Comunitária Mangueira da Torre

Biblioteca Multicultural Nascedouro

Biblioteca Peró

Biblioteca Popular do Coque

Biblioteca Solar de Ler

Secretaria de Educação de Pernambuco - Gerência de Políticas Educacionais dos anos finais do Ensino Fundamental. Sistema de Bibliotecas Públicas Municipais de Pernambuco Programa Manuel Bandeira de Formação de Leitores - Recife Rede de Bibliotecas pela Paz – Compaz

Rede de Bibliotecas do Coque

Rede de Bibliotecas Escolares de Caruaru

# 

# EditorialArtigos

- Tlavio Medeiros e Lucia Helena Cysneiros
  Orff Schulwerk e Coco de Roda
- Beatriz de Barros de Melo e Silva
  Como propiciar novos caminhos para o desenho dos
  estudantes nos primeiros anos do Ensino Fundamental
  ou Como possibilitar a saída de uma fase para outra no
  desenvolvimento do desenho gráfico ou Emancipando
  crianças através do desenho.
- Gabriel Santana
  Bibliotecas comunitárias: identidade, história e composição.
- Cristiane Renata da Silva Cavalcanti, Evaldo Gomes da Silva, Giselma Maria Alves Gomes da Silva, Thaís Maria Cecília da Paz. | Leitura literária na escola: microcontos e o uso do Tik tok em aulas de Língua de Portuguesa

### Entrevistas

- Lucicleide Pereira:
  Biblioteca pública de Igarassu: lugar de conhecimento a serviço da comunidade, por Marta Diniz e Maria Helena Dubeux
- Fernanda Melo: Ser narradora de histórias orais é poder sustentar e inventar tradições, por Maria das Graças Vital de Melo

### História

- BB Enderson Costa | Uma aventura aos cinco anos...
- 38 Poesia

### Relatos de experiências

- Mônica Alves Coelho do Santos | Manguezais, garças e livros.
- Deise Silva; Karine Nóbrega | De volta ao tempo das cavernas.
- Maria do Carmo Cintra S. dos Santos
  Maria Liliam Padilha Ferreira; Mizia Batista de
  Lima Silveira; Nympha Muniz de Alencar; Salmo
  Sostenes Pontes | Biblioteca escolar: locus de
  educação, cultura, criatividade e inovação.

### Depoimentos

- Carmem Lúcia Bandeira e Maria de Fatima da Conceição Dutra | Festival Literário Xukuru: memórias e histórias Xukuru do Ororubá
- Patrícia Vasconcelos e Miriam Pereira Lima dos Santos Histórico da biblioteca municipal de Triunfo.
- Deborah Echeverría e Tereza Marinho | Espaços de brincar da Rede de Bibliotecas pela paz trabalhando a primeira infância, formando futuros leitores.
- Cícera Maria | Escola leitora: quinze anos de leitura, encantamento e criatividade.

### Cenas de leituras

B Encontros literários 2021

### Sugestões de atividades

- Beatriz de Barros | Desenhos a partir de novos contextos.
- Ana Cristina Gomes da Penha e Adilza Regina de Lima e Silva | Oficina Chile: poesia e (en)cantos.

### Lugares p<mark>ara</mark> visitar

Museu do Estado de Pernambuco

### Biblioteca: eu recomendo

Maria de Fatima da Conceição Dutra,
Amanda Breckenfeld, Ana Luiza de Souza,
Clarissa Galvão, Inês Maia, Rávanny Landim,
Ingá Patriota, Isis Thayzi Silva de Souza e
Maurício Barbosa Lopes | A Brigada de
Educação do MTST-PE: a luta pela literatura
e a implementação de uma
Biblioteca Comunitária.

### Resenhas

- **O crime de Padre Amaro.** 
  - ¬ Telma Ferraz
- - Telma Ferraz
- **⊞** A arte de amar.
  - Telma Ferraz Leal

# **85** Um pouco de humor e apurando o olhar



**Nossa revista** é fruto de muitos olhares, sob diversos temas, diversos gêneros, diversas linguagens. Imagens, palavras escritas, diálogos com música, teatro, cinema se misturam quando revelamos nossa paixão pela literatura, pela arte.

É com essa energia que Rodrigo Fisher ilustra cada volume de **Literatura e Arte**. Neste número, o tema das ilustrações é "livro e cinema". As obras literárias que viraram filmes nos inspiraram a falar de como as linguagens dialogam em um processo de ressignificações.

Cada seção de nossa revista remete a um ou dois gêneros, assim como estabelece diferentes linguagens!

O gênero artigo configura os textos da seção inicial da revista. Flávio Medeiros e Lúcia Cysneiros apresentam uma abordagem educativa para educação musical em que diferentes linguagens são mobilizadas. O desafio é "unir música, palavra e movimento vivenciando alguns elementos de um tradicional ritmo nosso, o coco de roda". O segundo artigo, de Beatriz Silva, remete à linguagem "desenho". Ela discute "como propiciar novos caminhos para o desenho dos estudantes nos primeiros anos do Ensino Fundamental". Com o tema "Bibliotecas comunitárias: identidade, história e composição", Gabriel Santana problematiza o conceito de biblioteca comunitária. O último artigo deste número, escrito por Cristiane Cavalcanti, Evaldo Silva, Giselma Silva e Thaís da Paz, discute a leitura literária na escola, recorrendo aos gêneros microcontos e Tik Tok. Assim, o artigo acrescenta à discussão sobre as múltiplas linguagens os textos multimodais que estão no cotidiano dos estudantes nos espaços virtuais.

A seção seguinte da revista organiza-se em torno de entrevistas. Marta Diniz e Maria Helena Dubeux entrevistaram Lucicleide Pereira, que falou sobre a Biblioteca pública de Igarassu. Na entrevista a paixão pelos livros e pelo espaço de ler transparece no diálogo entre as três mediadoras de leitura. Em seguida, outra entrevista feita por Maria das Graças de Melo. A palavra escrita, a fala, os gestos compõem a arte de contar histórias e é dessa paixão que Fernanda Melo, a entrevistada fala.

Na seção Histórias, Enderson Costa faz um relato pessoal sobre a importância que a Biblioteca Comunitária Caranguejo Tabaiares teve em sua vida; na mesma seção, uma crônica de Enderson nos emociona. É a literatura falando da vida, denunciando as desigualdades sociais com estilo e poesia.

O gênero poema também tem lugar garantido em Literatura e Arte : neste número, temos três poetas e seis poemas: "Me vejo negra" e "Sou negra", de Telma Leal; "Black Friday" e "Aqui", de Adriano Dias de Andrade; "Uma mulher vestida de sol" e "Dançar a vida", de Maria das Graças Vital de Melo. Esses autores, com diferentes estilos, falam da vida e de suas identidades.

Na seção "Relatos de experiências", é retratada a diversidade temática de **Literatura e Arte**. "Manguezais, garças e livros" é de autoria de Mônica Santos; "De volta ao tempo das cavernas" foi escrito por Deise Silva e Karine Nóbrega; e "Biblioteca escolar: lócus de educação, cultura, criatividade e inovação", foi composto por muitas mãos (Maria do Carmo Santos, Maria Liliam Ferreira, Mizia Silveira, Nympha Alencar, Salmo Pontes). Os relatos educativos expressam a diversidade de nossa cultura em busca da formação de crianças, jovens e adultos.

A seção "Depoimentos", neste número, traz a diversidade de experiências em diferentes espaços sociais. "Festival Literário Xukuru: memórias e histórias Xukuru do Ororubá", escrito por Carmem Bandeira e Maria de Fatima Dutra, é uma viagem ao mundo indígena e suas histórias. Patrícia Vasconcelos, em outro depoimento, fala da Biblioteca Municipal de Triunfo. Já Tereza Marinho nos apresenta a Rede de Bibliotecas pela paz e a arte de brincar; Já Cícera Maria, em "Escola leitora: quinze anos de leitura, encantamento e criatividade" fala das bibliotecas escolares de Caruaru. Em cada espaço, um depoimento que retrata a multiplicidade de ações para a formação de leitores e o fortalecimento das identidades culturais.

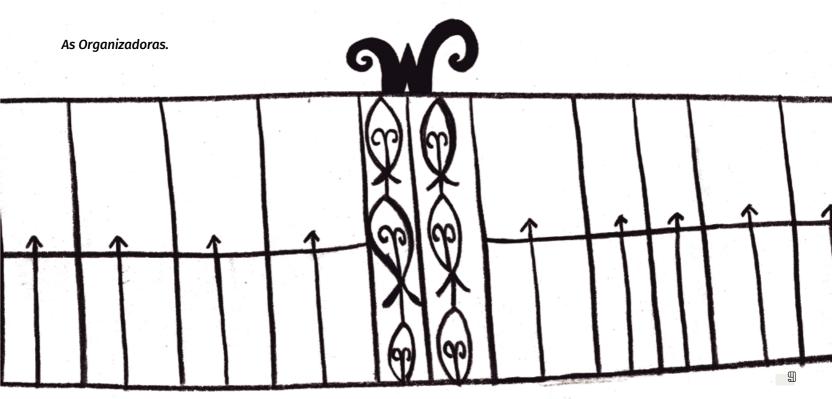
A linguagem fotográfica também está fortemente presente em Literatura e Arte , e contribui para a construção de sentidos em vários textos, em que as linguagens verbal e visual se entrelaçam. Na seção "Cenas de leitura", ela é ainda mais potente na construção de sentidos. São páginas produzidas para rememorarmos os bons momentos nos encontros literários de 2021. Fotografias e legendas nos trazem de volta as delícias dos encontros com a / por meio da literatura.

O desenho como linguagem potente nos processos educativos reaparece na seção "Sugestões de atividades", com Beatriz de Barros; os poemas também reaparecem nas sugestões didáticas apresentadas por Ana Cristina Penha e Adilza Silva. São proposições que enriquecem tanto nossas práticas quanto os horizontes culturais dos estudantes.

Fotografia e texto verbal novamente se cruzam em textos que nos convidam a um passeio no Museu do Estado De Pernambuco, feito por Maria das Graças Vital de Melo, na seção "Lugares para visitar"; e na Biblioteca Comunitária, na ocupação da Cozinha Solidária do MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto), por Maria de Fatima Dutra, Amanda Breckenfeld, Ana Luiza de Souza, Clarissa Galvão, Inês Maia, Rávanny Landim, Ingá Patriota, Isis Thayzi de Souza e Maurício Lopes, na seção "Biblioteca: eu recomendo". A descrição, as dicas, as imagens, os links não deixam dúvida de que vamos, sim, visitar ou (re)visitar esses espaços de encontro com a cultura.

O gênero resenha é mobilizado para sugerir livros e filmes. Nesta edição, Telma Leal indica um filme baseado em um livro – "O crime do Padre Amaro" –; um filme que narra a vida de uma autora de livro – "A arte de amar" –; e um livro – "Mulheres de cinzas". São duas formas de narrar, de contar histórias. São linguagens que se entrelaçam.

Por fim, múltiplas linguagens compõem a seção "Um pouco de humor e apurando o olhar". Pintura, escultura, desenho, com suas legendas, além das tirinhas, nos desafiam a ler para além da palavra escrita. Por meio de variados gêneros textuais – artigo, crônica, entrevista, legenda, poema, relato pessoal, relato de experiência, resenha e tirinha –; e por meio de palavras, ilustrações, fotografias, discutimos, em **Literatura e Arte**, o papel das múltiplas linguagens na nossa formação identitária. Palavras faladas e escritas, desenhos, esculturas, filmes, gestos, fotografias, movimentos, músicas, pinturas são linguagens que expressam emoções, sentidos, saberes, modos de ser. A **Revista Literatura e Arte** é moradia de todas elas.





### Orff Schulwerk e Coco de Roda

Flávio Medeiros Lucia Helena Cysneiros

**Trilhar caminhos** para uma educação musical que seja transformadora e integradora para o indivíduo é sempre um desafio. Consideramos que nos espaços educacionais destinados à musicalização de crianças e adultos "há uma lacuna no ensino de música no tocante à priorização de uma aprendizagem vivencial em que seus elementos, tais como expressão, criação, reflexão e crítica, sejam potencializados de forma prazerosa".

Foi essa a perspectiva que nos guiou a fazer esse diálogo entre a abordagem de educação musical conhecida como Orff Schulwerk e o coco de roda, um ritmo nordestino. Nosso objetivo com este artigo, então, é o de refletir sobre a aplicação e a possibilidade de aprendizado, a partir dessa relação, nos primeiros anos da Educação Fundamental.

### Conversando sobre o Orff Schulwerk

O Orff Schulwerk foi criado pelo educador musical e compositor alemão Carl Orff (1895 – 1982), tendo surgido a partir de seus incansáveis estudos e trabalhos – em parceria com grandes profissionais de diversos segmentos da arte – na perspectiva de integrar música e movimento. Para Orff, o Schulwerk era uma "ideia" que utilizava a palavra recitada (poemas, parlendas, rimas, lenga-lengas) e o drama. Era um "fazer musical" que gerava um "viver música" como uma experiência única e individual, um processo transformador que se reinventava continuamente. Tal perspectiva se estabelecia em três pontos: música, palavra e movimento.

Assim considerando, é possível afirmar que todos os elementos da música podem ser experimentados e vivenciados com a utilização do movimento. Portanto, o corpo que faz os sons é o primeiro instrumento musical a ser praticado. Ou seja, os gestos podem resultar em sons, e da mesma forma os sons podem corresponder a gestos: bater palmas, estalar os dedos, bater os pés no chão, entre outros que já são utilizados em inúmeras outras abordagens de educação musical.

Esses movimentos e gestos sonoros colaboram para que as crianças se tornem cada vez mais conscientes de sua corporeidade. Pode-se promover, assim, um ambiente criativo onde os alunos não estão simplesmente conectados a um ensino tradicional de música – fato que tem encantado educadores musicais do mundo inteiro. Quando os alunos se sentem à vontade e percebem que podem criar sua própria música, seus próprios movimentos, e que não precisam, nesse início, memorizar conceitos musicais complexos, o caminho está aberto para a aprendizagem.

Da mesma forma como acontece nas diversas culturas espalhadas pelo mundo, o Schulwerk privilegia a aprendizagem oral. A oralidade refere-se, além de outras coisas, à forma como os processos e materiais musicais são concebidos e tratados.

### Sobre os autores

Flávio Medeiros - Dr. em Educação pela UDELMAR - Chile. Professor do Curso de Música do CAC, UFPE.

Lucia Helena Cysneiros - Mestra em Etnomusicologia (UFPB). Licenciada em Educação Artística e em Música (UFPE).
Primeiro certificado Orff Schulwerk na The San Francisco International Orff Course (EUA). Arranjadora, pesquisadora e compositora musical.

### Integração das diferentes formas de expressão

Desde sua origem, o Schulwerk vem utilizando várias formas expressivas de comunicação. Deve-se pensar que a integração de linguagens representa a interação, fusão e harmonização de mídias diferentes: música, movimento e dança, recitação de poesias e narração, teatro, imagem, entre outros. Grande parte da literatura especializada no Schulwerk tem atrelado a utilização de diferentes formas de expressão com o desenvolvimento da pluralidade de inteligências. O Orff Schulwerk parte do princípio de oferecer uma educação capaz de integrar diferentes formas de inteligência: musical, corporal-cinestésica, espacial, linguística, interpessoal e intrapessoal, lógico-matemática.

#### Conversando sobre o coco de roda

Sua origem possivelmente surgiu nas fronteiras de Alagoas e Pernambuco. Além de ser dançada, essa manifestação cultural é cantada pelos participantes enquanto realizam suas coreografias.

"A batida da pedra na casca do fruto ajudava a dar o ritmo e convidava à dança", escreveu o médico e pesquisador alagoano Abelardo Duarte. Muitos historiadores acreditam que o nome da dança possivelmente vem desse trabalho de partir o coco, cujo movimento sistemático funcionava como um ritmo para a dança.

Já o pesquisador pernambucano Carlos da Fonte Filho afirma que "outra tradição ligada à origem do coco vem das comunidades rurais, onde, após a construção das casas de pau-a-pique, era oferecida uma festa com o objetivo não só de comemorar o final da obra, como também de realizar o nivelamento do piso de barro através das pisadas do coco".

Como pernambucanos abraçados a uma cultura regional imensamente rica e versátil, lançamos um desafio: vamos unir **música, palavra e movimento**, vivenciando alguns elementos de um tradicional ritmo nosso, o coco de roda!

Na atividade a seguir, nosso objetivo é vivenciar a integração da palavra com o ritmo e o movimento, associando essa vivência ao ritmo do coco de roda. Mesmo que você, leitor, não seja músico, experimente acompanhar as etapas dos primeiros ritmos até chegar à improvisação e à dança.

#### Atividade

O que é a pulsação de uma música? É um batimento regular ao longo de uma música, de uma canção. Quando falamos de pulsação, associamos essa ideia às batidas constantes do nosso coração: ••• •• • ... A nossa pulsação nem sempre é constante. Quando descansamos, o coração bate mais devagar. Mas quando andamos, corremos, jogamos, ele bate mais depressa. Como perceber o pulso em uma música? Podemos marcar os tempos com palmas, com instrumentos de percussão, bater os pés sem sair do lugar ou caminhando, ou até mesmo em círculo, passando uma bola de um(a) aluno(a) para outro(a).

Vamos, agora, ficar em círculo e fazer um jogo utilizando a pulsação e os nomes dos(as) colegas da turma.

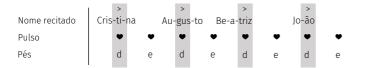
1. O(a) professor(a) sugere um pulso regular (uma batida) a ser marcado com os pés. O(a) estudante deve marcar o pulso alternando pé direito (d) e pé esquerdo (e). (OBS: Utilizamos uma notação simbólica em que cada pulso corresponde a uma semínima: ♥



2. O(a) professor(a) vai recitando os nomes dos alunos(as) do círculo, dentro do pulso estabelecido, dando ênfase à sílaba forte de cada um. A cada recitação os(as) alunos(as) respondem em eco o nome pronunciado, mantendo o pulso. O(a) professor(a) chama a atenção para a sílaba forte do nome que está sendo recitado. Observar que a sílaba forte coincide com as batidas dos pés. Entre o nome recitado pelo professor e o nome respondido pelos(as) alunos(as), haverá sempre um pulso para facilitar a forma de fazer o eco. Exemplo:



**3.** Pedir aos(às) alunos(as) que experimentem dizer o seu nome, sempre pronunciando um pouco mais forte a sílaba acentuada. Observar que em alguns nomes a primeira sílaba coincide com a batida de um pé; e em outros nomes a primeira sílaba está entre um pé e outro. Exemplo:



### No ritmo do coco de roda

Para introduzir a etapa a seguir, o professor conversará com os(as) alunos(as) sobre o ritmo e a dança do Coco de roda.

Nas próximas atividades vamos trabalhar com ostinatos rítmicos, que em música significam pequenas frases rítmicas ou melódicas que são repetidas continuamente como padrões de acompanhamento.

**4.** Vamos recitar um ostinato vocal com o nome coco de roda.



**5.** Para o ostinato que chamamos de "palmada", vamos bater com as duas mãos sobre a frente das pernas.



6. E agora usando "palmas".

**7.** Vamos juntar os três ostinatos e realizar o ritmo *coco de roda.* 



- **8.** Depois que todos os alunos aprenderem esta etapa, vamos nos aproximar da atmosfera do coco de roda e vivenciar um pouco desse ritmo. O ostinato coco de roda do item anterior (7) será o nosso refrão, que será intercalado com momentos de improviso, com gestos sonoros (palmas, estalos de dedos, batidas de pés, palmadas, etc).
  - a) Todos recitam duas vezes o ostinato coco de roda
  - **b)** Um(a) aluno(a) é escolhido(a) para ficar no meio da roda e realizar improvisos com gestos sonoros à sua escolha durante 16 pulsos. Esse tempo corresponde às duas recitações do ostinato *coco de roda*.
  - **c)** Todos recitam mais duas vezes o ostinato *coco de roda*.
  - d) Um(a) novo(a) participante é escolhido(a) para realizar improvisos com gestos sonoros. Continuar a atividade nesse mesmo formato até que todos(as) tenham a oportunidade de participar com improvisos no centro da roda.

### 9. Ouvir um coco de roda.

Sugestões:

### Grupo Bongar - Chão batido

https://www.youtube.com/watch?v=VG7Q\_lIQPRk

### Bio Caboclo – Coco de Roda

https://www.youtube.com/watch?v=rXkgjIzBokk

### Renata Rosa – Brilhantina

https://www.youtube.com/watch?v=ZhfpzMavI3g

### CD Passarinhos do cerrado

https://www.youtube.com/watch?v=HlgqaaSrDP8&t=454s

### CD Coco Raizes de Arcoverde - A Caravana não morreu

https://www.youtube.com/watch?v=sdRphZLIn6g&t=175s



### Esta atividade pode ajudar:

- a perceber o ritmo que está presente no próprio corpo: pulsação, movimentos corporais e gestos sonoros;
- · no aproveitamento das potencialidades sonoras do corpo e da voz;
- · no desenvolvimento da coordenação motora;
- · a perceber e reproduzir estruturas rítmicas com a voz e com gestos sonoros;
- · no exercício da concentração e da memória musical;
- · a vivenciar o coco de roda e seus movimentos expressivos.

### Referências

MEDEIROS, Flávio. **Princípios para uma educação musical significativa na contemporaneidade:** a relação Orff Schulwerk em contextos educacionais musicais em Recife e a vivência do maracatu. Orientador: Leopoldo Briones Salazar. 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Universidad Del Mar, Chile, 2013.

## Como propiciar novos caminhos para o desenho dos estudantes nos primeiros anos do Ensino Fundamental ou

Como possibilitar a saída de uma fase para outra no desenvolvimento do desenho gráfico

## Emancipando crianças através do desenho

### Beatriz de Barros de Melo e Silva

**Na tentativa de acertar um título** para este artigo, resolvemos colocar os três acima postos. Talvez porque me pareçam dizer a mesma coisa como base: propiciar; possibilitar; emancipar o estudante, no sentido de trilhar outros rumos de interação consigo mesmo e com o outro a partir de seu desenho.

Os três títulos, e este artigo, acabam por ser resposta a uma pergunta que me fizeram em uma última formação de professores: "Como eu 'tiro' o estudante daquele desenho 'tradicional' – casinha, as nuvens, a árvore (que eu chamo de cacho), a cerquinha e o sol sorrindo, e por vezes, de óculos?". Este movimento de resposta é, mais uma vez, ousadia de minha parte, ao desejar compartilhar o que fiz por vários anos no Colégio de Aplicação, com maior ou menor sucesso, ao receber estudantes dos primeiros anos do Ensino Fundamental que traziam exatamente esse desenho descrito.

Dois aspectos precisam ser tratados antes de irmos para a nossa proposição: o primeiro deles é sobre o desenvolvimento do desenho gráfico. No século passado, Lowenfeld e Brittain escreveram o livro **Desenvolvimento da capacidade criadora**, com edição no Brasil na década de 1970. Sim, eu li e estudei nele também! Outros nomes também fizeram estudos sobre o desenvolvimento gráfico: Luquet (1969); Kellogg (1969); Piaget (1975); Goodnow (1979). No Brasil, vamos ter Edith Derdyk em 1989 e alguns outros e outras. O que quero aqui demarcar é a importância de se debruçar nessas etapas do desenvolvimento infantil. Creio que se tivéssemos estudado mais, não teríamos ainda hoje a presença na escola dos famigerados desenhos "xerocados" para colorir. E acreditem, ainda existem!!!

Um segundo aspecto a demarcar é o da necessária compreensão da relação que estabelecemos entre arte e seu ensino. Aqui, um lembrete rápido sobre a arte na educação, afirmando que, na nossa compreensão, é uma área de conhecimento própria, com fundamentos

e conteúdos específicos, pois, na realidade, o ensino da Arte vai bem além dela, no que diz respeito a sua pedagogia, aos seres humanos que estão ali implicados, a sua finalidade. Destacamos também que nossa compreensão é ser a arte objetivação de nossa subjetividade, que é o representar em produtos simbólicos a nossa imaginação; é linguagem e está no campo do estético; é efetivação de nossa criatividade e seu ensino está relacionado à experiência, demarcando que essa experiência não está apenas no campo da produção, mas entendendo, como Larossa, que arte é aquilo que nos acontece. (BONDIA, 2017)

Daqui em diante, dividiremos o artigo em dois grandes tópicos: (1) Como acontece o desenvolvimento do desenho; e (2) A importância relacionada às mudanças das fases do grafismo. Ao final, indicaremos tópicos sobre como propiciar essas mudanças.

### Sobre a autora

Professora aposentada do Colégio de Aplicação da UFPE. Integrante do CEEL. Para tratar do como acontece o desenvolvimento do desenho, em linhas gerais, vamos nos fundamentar em Gardner (1996), no texto: Desdobrando ou ensinando: sobre o treinamento ideal de habilidades artísticas. O autor inicia afirmando que, no ensino ou na tarefa de desenvolver "artistas criativos, intérpretes observadores nas artes visuais" (GARDNER, 1996, p. 179), vamos encontrar duas perspectivas: a primeira, chamada de "desdobramento" ou "natural", que vê a criança como uma "semente" que vai se desenvolver, precisando apenas de materiais e oportunidades, e que o bom professor deve ser um protetor "das forças perniciosas da sociedade", as quais alimentam a estereotipia que atrapalha o caminho inato percorrido pelo estudante. O professor aí terá a tarefa preventiva como tutor "roussaniano" e o estudante é visto como ser humano com capacidades e talento inatos.

A antípoda dessa perspectiva é o papel de professor treinador de habilidades. Este leva para a sala técnicas, temas, materiais e vai ajudando o estudante a enfrentar os problemas compositivos, algumas vezes prescrevendo o caminho, outras vezes pegando no lápis e traçando linhas, delimitando onde as cores devem ficar. Da mesma maneira, porque quer ver bons resultados, leva esquemas de desenho pronto, indo até desenhos feitos em cópias xerocadas e dizendo ao estudante que é apenas uma base, mas ele é quem deve criar a partir dali.

No trabalho, Gardner passa a considerar o desenvolvimento humano. Durante os primeiros anos de vida, conforme Piaget mostrou, a criança está de fato envolvida no desenvolvimento de capacidades sensoriais e motoras básicas e na empresa paralela de construir conhecimento sobre os mundos físico e social. "Lutar com o mundo dos símbolos, um mundo em grande parte projetado pela cultura, é o desafio principal dos anos seguintes à primeira infância" (GARDNER, 1996, p.181). Ele registra, a partir dessas afirmações, que, de fato, os estágios desse tempo de desenvolvimento são convincentemente semelhantes, e acontecem em todas as culturas.

Já a criança de 7 e 8 anos tem noção de "primeiro esboço" de como os símbolos funcionam, em uma "abundância de meios simbólicos". O autor afirma que ela "adquiriu familiaridade intuitiva suficiente com sistemas simbólicos para ser capaz de trabalhar com eles adequadamente. No entanto, ela sabe pouco e pode executar pouco do que é sutil e complexo. Ao mesmo tempo, é soberbamente equipada para aprender (GARDNER, 1996, p.183).

Em tese, ou seja, teoricamente, a criança entre 4 e 6 anos desenha figuras, por vezes soltas no papel. Por vezes, elas são extremamente elaboradas em si mesmas. mas ainda não se relacionam obrigatoriamente fase no espaço. Nessa "pré-esquema", as crianças estão sempre pesquisando novas formas, e isso é consciente, daí a mudança contínua dos símbolos, que acabam por apresentar exageros ou omissões. A busca é pelo esquema, pela ordem.

No Ciclo de Alfabetização, e em relação ao desenho da criança, o mais adequado é tratar como um "entre fases" – pré-esquematismo e esquematismo na classificação de Lowenfeld e Brittain; estágio das expressões pictóricas e o pictórico, usado por Rhoda Kellog, este último caracterizado pelas formas de representação. No pictótico, encontramos a conquista da forma, o estabelecimento do espaço a partir da resolução da linha de base, a busca do uso da cor como a representação do real, o aparecimento de soluções interessantes como a transparência e o rebatimento.

A importância dessas mudanças de fase é que elas são demonstração de um desenvolvimento cognitivo pleno. Para Edith Derdyk, "o desenho é a manifestação de uma necessidade vital da criança: agir sobre o mundo que a cerca; intercambiar, comunicar" (DERDIK, 1989, p.51). Para a criança, o desenho é atividade que une potencialidades e necessidades. "Ao desenhar, a criança expressa a maneira pela qual se sente existir." (DERDIK, 1989, p.52)

Assim, o desenho se altera, se enriquece, desenvolve. Não em linha reta, não evoluindo como muitos querem dizer, como algo que acontece de maneira contínua e regular e em ciclo harmonioso, mas sim em conquistas maiores e outras menores, por caminhos mais fáceis e outros bastantes doloridos.

Como chegar a propiciar essa mudança, como apoiar os estudantes no percurso do desenvolvimento gráfico é nossa questão, porém, cremos que aqui, neste pequeno artigo, não conseguiremos responder de todo. aqui deixar tópicos Entretanto, vamos de possibilidades. Em outra ocasião poderemos ampliar esse diálogo. Desde já registramos que não existe uma receita ou prescrição, pois temos que considerar o(a) estudante, seu interesse e envolvimento a partir da linguagem; os elementos que podemos ter para apoiar essa mudança de estágio, como materiais plásticos, a exemplo de tinta, lápis diferenciados, suportes diversos. Demarcamos, entretanto, que "ensinar é possibilitar espaços de significação.

Promover perguntas e possibilitar identificações, investir o outro do caráter de sujeito pensante" (FERNANDEZ, 2001, p.142). E essa afirmação é extremamente apropriada para o ensino da arte.

Partindo daí, eu indicaria, em artes visuais, alguns exercícios, lembrando que minhas sugestões aqui estão associadas a aulas com ludicidade, partindo de jogos de percepção visual e jogos dramáticos, que vão desde o início mobilizando imaginação, o corpo, a percepção do espaço ao redor, e provocando o ser humano que será desafiado.

Desenhar a partir da observação; desenhar a partir de novos contextos – uma imagem em silhueta ou um recorte de revista que o(a) estudante mesmo(a) retira e cola no meio de uma folha de papel ofício e a partir daí passa a desenhar; usar outros suportes, saindo da bidimensionalidade; vivenciar novos desafios – temáticos e de problematização plástica; experienciar os elementos visuais a partir de novos problemas.

No Ciclo de Alfabetização, não precisamos estudar cor de maneira aprofundada, por exemplo, nem saber sobre cores primárias ou secundárias, mas usar a cor em diferentes situações e a partir de diferentes materiais - lápis de cera, caneta hidrográfica, tintas variadas; trabalhar com o outro em uma mesma folha de papel; dividir os espaços, enfrentar problemas compositivos juntos. Dialogar sobre temas, cores, formas proporciona desafios de reflexão sobre a arte e o seu fazer, sobre como o outro concretiza essa objetivação do subjetivo e como efetiva traços e compõe os espaços; vivenciar o tornar-se consciente de si mesmo e do seu fazer (RHYNE, 2000). É importante trabalhar com jogos e produções que levem os estudantes a se conhecerem melhor, a dar atenção ao seu corpo e espaço, a suas forças e possibilidades, assim como a seus medos e limites.

Concluímos este artigo pensando que não conseguimos responder de todo às nossas perguntas problematizadoras, porém registramos a vontade de continuar tratando do ensino da Arte no Ciclo de Alfabetização como espaço de desenvolvimento de criatividade e ampliação do viver, indo além do conhecimento de um componente curricular, percorrendo caminhos possíveis para desenvolvimento do desenho gráfico de crianças nos primeiros anos do Ensino Fundamental.

### Referências

BONDÍA, Jorge Larossa, Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira da Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, jan./abr. 2002. Acesso em: 1 de ago. 2017. Disponível em:

https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho.** Desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione, 1989.

FERNÁNDEZ, Alícia. **Psicopedagogia em psicodrama:** morando no brincar. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

GARDNER, Howard. **Arte, Mente e Cérebro.** Porto Alegre: Artes Médica Sul, 1999.

KELLOGG, Rhoda. **Analyzing children's art.** Palo Alto, California: Mayfield,1969.

LOWENFELD, Viktor; BRITTAIN, W. Lambert. **Desenvolvimento da capacidade Criadora.**São Paulo: Mestre Jou, 1977.

RHYNE, Janie. **Arte e Gestalt:** padrões que convergem. São Paulo: Summus, 2000

# Bibliotecas Comunitárias: uma busca pelo comunitário

Gabriel Lopes de Santana - CEEL

Este artigo tem o objetivo de problematizar marcos conceituais que buscam definir o conceito de biblioteca comunitária, em especial aqueles que tomam como princípios referenciais alheios à própria realidade de território, de identidade social e cultural, dos espaços de acesso ao livro, à memória, comunitários. Para esta problematização, iremos recorrer aos dispositivos teórico-metodológicos do pensamento decolonial, que buscam colocar em suspensão modos tradicionais e conservadores de observar e entender as relações sociais, econômicas e culturais, nos permitindo visualizar maneiras presentes ou potenciais de reconceber e reconstruir a própria ideia de biblioteca comunitária. Neste sentido, destacaremos que a reinvenção do termo biblioteca comunitária nos abre possibilidades reais para o reconhecimento da diferença como impulso para reinvenção das bibliotecas comunitárias. Tais maneiras são abordadas com auxílio de teorias e estudos pertinentes em conciliação com minha experiência como pesquisador, cofundador, ex-coordenador e articulador de redes políticas e de bibliotecas comunitárias na Região Metropolitana do Recife. Desta forma, pode ser possível ampliar as possibilidades reflexivas de (re)existência. de promoção de direitos, de fortalecimento coletivo. comunitário.

Muito se fala sobre a força das bibliotecas comunitárias como espaços de acesso ao livro, à leitura e à informação nas periferias de grandes cidades. Além do acesso ao livro, à leitura e à informação, as bibliotecas são espaços cuja função extrapola a dimensão cognitiva da formação de leitores e leitoras em ampliar conhecimentos sobre gêneros, livros, autores/as, vocabulário etc. Elas agem também na dimensão afetiva, como espaços de acolhimento, de abrigo às emoções, pois há casos em que a procura por uma biblioteca comunitária está para além do interesse pelos livros ou qualquer espaço que "suporte" a palavra. Sim, a busca pode se iniciar pelo silêncio de um abraço, de um aperto de mão, do olhar. Então, por onde começar a busca por uma definição de biblioteca comunitária, considerando toda essa complexidade ou esse excesso de ausências?

Como definir algo que está em curso? Um caminho possível seja, talvez, reinventar o próprio nome "Biblioteca Comunitária". Reinventar, a partir do nome, outras possibilidades de comunicar o que existe e o que resiste, para promover a memória, retomar saberes, a identidade de pessoas e territórios. Um giro sobre a própria existência. Um giro para se mover pela cognição, mas também pela política dos afetos.

Um exemplo desse giro sobre a existência das bibliotecas comunitárias é a "Iburoteca Maria de Lima" biblioteca ou abrigo para as memórias da comunidade, localizada no bairro do Ibura, Recife - PE, que nos mostrou a força usada para impulsionar lutas que visem garantir melhores condições de (r)existência. Essa força está no próprio ato de nomear-se, de dizer a si mesma e a quem lê, a sua existência. Afinal, segundo Mignolo (2008), o nome é um aspecto fundamental, que vai nos dizer sobre o que diz, quem diz e de que lugar se diz. Portanto, a Iburoteca Maria de Lima nos provoca e nos leva a refletir sobre o conceito de biblioteca comunitária. Conceito que tradicionalmente tendemos a tomar como ponto de partida para, supostamente, criarmos um movimento de subversão e resistência ao status auo.

O nome é um potencial indicador para percebermos o quanto estamos ligados àquilo de que buscamos escapar. Vale ressaltar que a Iburoteca Maria de Lima não é objeto de reflexão e análise deste artigo . Ela é tomada como uma experiência empírica, que nos auxilia a refletir sobre as identidades das bibliotecas comunitárias. O nome próprio Maria de Lima, vinculado ao de Iburoteca, é uma homenagem a uma mulher que resistiu a muitas dificuldades para se alfabetizar aos 65 anos, se empoderar e mudar seu próprio destino, tornando-se uma liderança comunitária, uma referência para moradores/as darem continuidade a sua força.

### Sobre o autor

Membro do CEEL e doutorando em educação pela UFPE.

Há um movimento interessante, esse do nome Iburoteca Maria de Lima; pois se busca romper com uma hegemonia, ainda que use de forma secundária a palavra "biblioteca", demarcando uma geografia ou uma territorialidade e um pensamento sobre o que se nomeia, de forma própria, rearticulando território, memória e saber. O Ibura, assim como outros bairros periféricos da cidade do Recife - PE, é estigmatizado por estar constantemente nas páginas e programas policiais. Nele predominam moradores/as negros/as. de baixa renda, que atuam na informalidade... Na perspectiva decolonialidade. socioeconômico e cultural que é colocado em condição de subalternidade em relação às áreas "nobres" da cidade.

Decoloninalidade, lente epistemológica que escolhi para observar as relações sociais, pode ser entendida também como uma abordagem nas Ciências Sociais que vai identificar, nas relações humanas - de produção, de desenvolvimento do saber, do ser, do ver, das questões de gênero - resquícios da relação colonial estabelecida entre colônias e metrópoles, desde o início das grandes navegações, no século XV, e que, na história ocidental, conhecemos como o período da modernidade. Quijano (2005), assim como outros/as pensadores/as decoloniais, vão destacar que o lado obscuro da modernidade é a colonialidade, ou seja, tornar toda diferença, algo inferior, ou subalterno à Europa. O termo "eurocêntrico", por exemplo, diz respeito à atitude de pensar a cultura, o saber, o território, a própria ideia de ser humano, a partir da Europa. Assim, podemos questionar: De que lugar pensamos as "nossas" bibliotecas? O termo "Iburoteca" nos parece querer dizer algo sobre isso.

Ela é uma referência relevante na construção de argumentos para examinar e problematizar, por um viés decolonial, a medida que nossos marcos de referência nos permitem ou não visualizar maneiras presentes ou potenciais de reconceber e reconstruir a ideia de biblioteca, ainda que esta venha com o qualitativo "comunitária". Esse qualitativo tende a atribuir (naturalmente) características de ruptura com aspectos hegemônicos e conservadores das tradicionais bibliotecas que conhecemos.

É com o viés decolonial que me inspiro aqui para refletir sobre Biblioteca Comunitária, seus limites e potencialidades da ação política atribuída a esses espaços: formação de leitores/as, espaço de acolhimento, de informação, democratização do livro e da literatura, espaços de memória etc. Considero que as

questões feitas por Escobar (2005), para discutir lugar e

cultura, são muito pertinentes para pensarmos sobre biblioteca comunitária e sua relação com os sujeitos, a cultura e o território. Nas palavras desse autor,

> é possível lançar uma defesa do lugar com o lugar como um ponto de construção da teoria e da ação política? Quem fala em nome do lugar? Quem o defende? É possível encontrar nas práticas baseadas no lugar uma crítica do poder e da hegemonia sem ignorar seu arraigamento nos circuitos do capital e da modernidade?

Tais questões contribuem para refletirmos sobre a identidade dos espaços de leitura que se afirmam comunitários, suas ações, e sobretudo identificar aqueles/as que o defendem, pois quem ou o que defende pode ser um indicador de pertencimento de lugar sobre o próprio lugar. Ou seja, um indicador do quanto de comunitário a biblioteca comunitária tem. Se o caráter comunitário subentende o pertencimento, a diferença, o contra-hegemônico, onde poderíamos identificar tais potências que caracterizariam a biblioteca como comunitária?

## Biblioteca comunitária: um conceito em disputa

Me parece que muitas pessoas e instituições respondem à questão sobre o que é uma biblioteca comunitária e seu caráter comunitário. É fácil encontrar respostas em sites, livros, editais de apoio a bibliotecas comunitárias, políticas de leitura e no discurso bibliotecárias/os. mediadoras/es de leitura. professoras/es, pedagogas/os, contadoras/es de histórias, escritoras/es, pesquisadoras/es ligados a universidades, enfim... me parece também que todo elo produtivo da literatura (quem escreve, quem medeia, quem edita, quem distribui, quem lê) tem essa resposta e é capaz até de promover cursos e oficinas para "implantação", "construção", "implementação" bibliotecas comunitárias. Essa popularidade biblioteca comunitária, fruto de muitas lutas por visibilidade e reconhecimento, reforçou e teve suas forças endossadas pelas políticas de leitura que efervesceram na primeira década dos anos 2000. No entanto, de lá para cá, quantas vezes problematizamos o "comunitário" das bibliotecas comunitárias? Não seria a hora?

Acerca dos aspectos mais comuns, diversas pesquisas e documentos (RELEITURA, 2022; SANTANA, 2014; BRASIL, 2020; MACHADO, 2008; CERVINSKIS e SANTANA, 2014, 2016, 2017, 2020) apontam que o caráter comunitário

tomado como princípio nas bibliotecas comunitárias tem a ver com a presença na comunidade, a participação de moradoras/es nos processos decisórios e o engajamento com outros coletivos, na luta pelos direitos humanos na comunidade, tendo a literatura (o direito de ler e de escrever) como ferramenta fundamental de fortalecimento dos sujeitos. Esses aspectos caracterizariam, em grande parte, os sentidos das bibliotecas comunitárias (r)existirem.

Não é minha pretensão responder ao que é biblioteca comunitária, nem apontar quais as diretrizes mais "coerentes" que devem constar nos roteiros, manuais, carta de princípios, programas e projetos etc., de instituições ou coletivos em defesa delas. Minha pretensão é, sim, contribuir para uma reflexão provocativa acerca das possibilidades de a biblioteca comunitária realizar sua própria existência, se transformar por dentro das bibliotecas comunitárias em Pernambuco, e no Brasil, tomando como ponto de partida a problematização sobre a nomenclatura "biblioteca" e seu caráter comunitário. Portanto, minha intenção é perseguir o "comunitário" das bibliotecas comunitárias como fonte e possibilidade de reinventá-las, de deixá-las sempre vivas. Desse modo, recorremos à concepção de "reoriginalização", termo usado, no pensamento decolonial, para refletir sobre a possibilidade de realizarmos nossos próprios conhecimentos a partir das nossas referências originárias.

A história das bibliotecas acompanha a história da escrita e das formas de registro do conhecimento humano. Na definição tradicional do termo. "biblioteca" é um espaço físico em que se guardam livros. Vem do grego βιβλιοθήκη, palavra composta de βιβλίον, biblion — "livro"; e θήκη theca — "depósito". Curioso é que de forma recorrente tomamos como nosso ponto de partida para a produção científica o pensamento grego. Mesmo tendo em nossa base cultural a tradição oral, buscamos legitimar a ideia de que o lugar dos livros, das histórias, da memória denomina-se biblioteca, ainda que esse lugar tenha outros materiais e forneça outras possibilidades de interação com a informação e com a literatura. Seria da nossa colonialidade? Que sintoma possibilidades temos de reinventar nossos próprios conceitos? A Iburoteca Maria de Lima nos parece apontar para alguma direção, a qual, acredito, os povos originários nos indicam há muito tempo.

Assim, mais do que buscar responder à questão "o que é uma biblioteca comunitária?", poderíamos pensar:

Que nome daríamos para um espaço onde poderíamos preservar a memória, a cultura, a sabedoria e o conhecimento da comunidade? Seria uma biblioteca, é que digamos que esta diferente? Conseguiríamos escapar dessa hegemonia? Pelo sim ou pelo não, acredito que o termo "biblioteca" nos revela muito pouco de sua força, ou do que ela pode vir a ser. A ideia aqui não supõe nenhum fechamento localista nem qualquer reivindicação de identidade exclusiva, mas a articulação de diferentes escalas espaciais, desde a ancoragem nos territórios de vida até os desafios planetários.

## A diferença como potência para reinvencão

Outro aspecto importante nesta discussão sobre as possibilidades de reinvenção das bibliotecas comunitárias é o reconhecimento e a interação com a diferença (outra biblioteca comunitária, instituições, outros sujeitos...). E uma experiência que destaco, enguanto cofundador, articulador/coordenador da Releitura - PE, e que contribuiu neste sentido, foi o desenvolvimento de um processo de identificação mútua que possibilitou ampliar a percepção do fortalecimento de determinadas dimensões, como as práticas de incentivo à leitura, a composição do ambiente, a organização do acervo, os caminhos da articulação comunitária, estratégias de sustentabilidade das bibliotecas comunitárias e a afetividade e o reconhecimento profissional dos sujeitos envolvidos, entre outros aspectos.

A experiência aconteceu entre 2010/2011, na Biblioteca Comunitária Lar Meimei, em Bairro Novo, Olinda - PE, onde estávamos finalizando mais um ciclo de realização de projetos de leitura em rede. Na condição de coordenador do projeto em rede, nos debruçamos sobre os indicadores de avaliação, mas também sobre a constituição de um mapa que indicava níveis de interação e influência que cada biblioteca exerceu sobre outra. Inspirado pela Metodologia de Análise de Redes Sociais (MARES) (MARTINS e PINHEIRO, 2009), criamos uma área fronteiriça entre as bibliotecas, na qual foi possível identificar e reconhecer o quanto que a diferença entre elas poderia impulsionar uma reconcepção de sua atuação e de sua própria identidade. Assim, o projeto contribuiu para que as bibliotecas refletissem sobre a reinvenção e as maneiras de agir e de entender mais sobre sua própria existência. Os efeitos da diferença e da ação em rede proposta na ação mencionada acima levaram a darmos início a uma prática de reconhecimento mútuo, um impulso importante para a realização de um giro sobre nós mesmos, especialmente sobre os modos de ação, como, por exemplo: realizar sessões de mediação de leitura e definir a identidade da biblioteca, que aparecia quando mencionavam os limites do agir, as condições impostas pelas instituições que abrigavam as bibliotecas comunitárias. Assim, essa experiência de avaliação levanta questões com relação à nomeação, sem questionar diretamente a identidade das bibliotecas comunitárias.

## Considerações: "um penúltimo olhar sobre as coisas".

Vou finalizando fazendo referência ao título de uma das obras do poeta recifense Miró da Muribeca, que a meu ver desmancha nossa pretensão de guerer dizer sempre a última palavra sobre as coisas. Assim, digo aos/às leitores/as que meu olhar sobre a identidade das bibliotecas comunitárias é apenas o penúltimo, e que deve fazer parte de um ciclo infinito de penúltimos olhares sobre as coisas. Buscar problematizar o comunitário das bibliotecas comunitárias remonta às origens históricas dessas iniciativas, colocam-nas em um caminho de retomada da sua própria autonomia. "Comunitário", "popular", embora sejam termos vinculados às bibliotecas, e com cargas simbólicas muito fortes para a luta social, não podem (e nem devem) garantir uma tradução total ou universal da natureza das bibliotecas comunitárias ou populares. Esses termos também resguardam resquícios da nossa colonialidade, por isso a problematização do próprio nome "biblioteca" e "comunitária" é um exercício constante que devemos procurar fazer. Por esse viés, é possível uma decolonialidade dos espaços de acesso ao livro, à leitura, às memórias dos territórios "periferizados" das cidades.

A Iburoteca Maria de Lima, assim como outras referências – como os povos originários em sua relação com a memória, território e saber –, são referências importantes como pontos de partida para refletirmos sobre em que medida nossos marcos de referência sobre biblioteca comunitária permitem, ou não, visualizar maneiras presentes ou potenciais de reconceber e reconstruir a própria ideia de biblioteca comunitária e, assim, recuperar sua inventividade política, social e performática.

### Referências

BASTOS, Gustavo Grandini. **Bibliotecas Comunitárias em Discurso.** 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciência da Informação e Documentação) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo - Campus de Ribeirão Preto. São Paulo. 2010.

BRASIL. Secretaria de Cultura. Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP). Disponível em: http://snbp.cultura.gov.br/tiposdebibliotecas/. Acesso em: 20 ago. 2020.

BRASIL. Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas – SNBP. Tipos de Bibliotecas. Disponível em: http://snbp.bn.br/tipos-de-bibliotecas/. Acesso em: 20 mar. 2017.

CERVINSKIS, André Caldas; SANTANA, Gabriel Lopes de. **Relatório do Mapeamento de Bibliotecas Comunitárias de Pernambuco – Etapa I – Caruaru e São José do Egito.** Recife: Tarcísio Pereira Editor, 2014.

CERVINSKIS, André Caldas; SANTANA, Gabriel Lopes de. **Mapeamento de Bibliotecas Comunitárias de Pernambuco – Etapa II –Garanhuns e Afogados da Ingazeira.** Recife: Tarcísio Pereira Editor, 2016.

CERVINSKIS, André Caldas; SANTANA, Gabriel Lopes de. **Mapeamento de Bibliotecas Comunitárias de Pernambuco – Etapa III – Goiana e Petrolina.** Recife: Tarcísio Pereira Editor, 2018.

CERVINSKIS, André Caldas; SANTANA, Gabriel Lopes de. Mapeamento de Bibliotecas Comunitárias de Pernambuco – ETAPA IV – Olinda, Igarassu, Paulista e Palmares. Recife: Tarcísio Pereira Editor, 2020.

ESCOBAR, ARTURO. O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento. In: LANDER, Edgardo (org.). **A Colonialidade do Saber:** Eurocentrismo e Ciências sociais – Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. (Colección Sur Sur).

MACHADO, Elisa Campos. **Bibliotecas Comunitárias como prática social no Brasil.** 2008. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

MARTINS, Paulo Henrique Novaes; PINHEIRO, Roseni (org.). **Avaliação em saúde na perspectiva do usuário: abordagem multicêntrica.** Rio de Janeiro: CEPESC / IMS-UERJ; Recife: Editora Universitária UFPE; São Paulo: ABRASCO, 2009, 376 p.

MIGNOLO, Walter. Hermenéutica de la democracia: el pensamiento de los límites y la diferencia colonial. **Revista Tabula Rasa**, Universidad Colegio Mayor de Cundinamarca, Bogotá – Colômbia, n. 9, jul./dez., p. 39-60, 2008.

MIRÓ. **O Penúltimo Olhar Sobre as Coisas**. Recife: Mariposa Cartonera Editora. 2016.

RELEITURA PE. O que é uma biblioteca comunitária?. Disponível em: https://releiturape.wordpress.com/o-que-e-uma-biblioteca-comunitaria/#:~: text=A%20Releitura%20PE%20%E2%80%93%20Bibliotecas%20Comunit%C3%A1 rias%20em%20Rede,incluam%20nos%20processos%20de%20planejamento%2 C%20monitoramento%20e%20avalia%C3%A7%C3%A3o. Acessado em: 27/05/2022.

SANTANA, Gabriel Lopes de. Diálogo entre Paulo Freire e Bibliotecas Comunitárias do Recife, como exercício político de uma educação como prática da liberdade. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL PAULO FREIRE, 8., Recife. **Anais [...]**. Recife: UFPE, 2013. Disponível em

nttp://coloquio.paulofreire.org.br/participacao/index.php/coloquio/vii-coloquio/paper/viewFile/494/451. Acesso em: 10 de agosto de 2020.

SANTANA, Gabriel Lopes de. **Escola em rede:** bibliotecas comunitárias e as demandas sobre a gestão escolar. Orientadora: Alice Miriam Happ Botler. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

Sobre Iburoteca Maria de Lima:

https://www.anf.org.br/iburoteca-a-luta-por-um-centro-cultural-no-ibura/https://web.facebook.com/iburoteca/about/?ref=page\_internal

# O microconto por meio do Tik Tok : letramento literário na aula de língua portuguesa

Cristiane Renata da Silva Cavalcanti <sup>1</sup> Evaldo Gomes da Silva <sup>2</sup> Giselma Maria Alves Gomes da Silva <sup>3</sup> Thaís Maria Cecília da Paz <sup>4</sup>

### Introdução

# Este artigo tem como objetivo mostrar a importância da leitura literária de microcontos na escola, a partir da concepção de leitura literária como prática social, instrumento de comunicação e de interação, aliada ao uso das tecnologias digitais, e de como elas podem contribuir para o processo de ensino e aprendizagem. Nesse contexto entende-se que por meio da literatura o estudante pode

contexto, entende-se que, por meio da literatura, o estudante pode trabalhar sua individualidade e compreender melhor seus contimentos além de entender seu espaso na sociodade.

sentimentos, além de entender seu espaço na sociedade.

São muitas as realidades contextuais e muitos os desafios do ensino de língua portuguesa, especialmente no que se refere à prática de linguagem "leitura literária", e mais ainda quando essa prática é vista como praxe social, com o uso das tecnologias digitais presentes no cotidiano escolar, notadamente em relação aos princípios que definem as formas de ensino com o apoio das tecnologias nas escolas.

Experimentamos, por meio do trabalho, num ato de resistência, superar as dificuldades do uso de recursos digitais na prática cotidiana de ensino e aprendiagem e, para isso, utilizamos a estratégia de percursos de ensino e aplicação de ferramentas digitais, como o Tik Tok e, além dele, o Google Forms, Google Meet, WhatsApp e Instagram, em duas turmas – com 38 discentes cada, totalizando 76 estudantes – do Ensino Fundamental e Médio da Escola Emídio Cavalcanti, localizada no município de Jaboatão dos Guararapes. Propusemos como produção final a gravação dos microcontos produzidos pelos estudantes através do Tik Tok. Os resultados obtidos mostraram que os discentes compreenderam que os processos de ensino e aprendizagem são facilitados com a adoção de novas ferramentas digitais aliadas ao uso das tecnologias educacionais.

Por ter surgido na era digital e ser breve, o gênero microconto mostra-se não só atrativo para a juventude conectada e instantaneísta da atualidade, como também se revela um proveitoso gênero textual para se trabalhar a leitura e a escrita em sala de aula. Assim, beneficiar-se da potencialidade desse gênero em contexto escolar é mostrar-se conectado com a realidade tecnológica dos jovens e, ao mesmo tempo, mostrar-se integrado ao contexto social deles.

### Sobre os autores

**Autora 1:** Doutora em Ciências da Linguagem pela UNICAP, é professora da Rede Estadual de Ensino desde 2001, na qual ministrou aulas no Ensino Básico e Fundamental. Hoje, atua como professora-técnica na Gerência de Políticas Educacionais dos Anos Finais do Ensino Fundamental da Secretaria Estadual de Educação de Pernambuco, atuando como professora-técnica de Ensino de Língua Portuguesa, trabalhando diretamente com Formação de Professores de Língua Portuguesa. É graduada pela Universidade Católica de Pernambuco/UNICAP-PE (2000) em Letras, Especialista em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa pela UFPE (2004) e Mestre em Ciências da Linguagem pela UNICAP (2013).

Autor 2: Mestre em Letras pelo Profletras/UFPE, é professor estatutário da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco, na qual tem dois vínculos, um desde 2005 e o outro desde 2006, ministrando aulas no Ensino Médio. É graduado pela Fundação do Ensino Superior de Olinda/FUNESO (1999), Especialista no Ensino de Língua Portuguesa pela UFRPE (2010) e Mestre em Lingua Portuguesa pela UFPE (2016).

Autora 3: É graduada em Letras pela Universidade Católica de Pernambuco (2010). Atualmente, é professora da rede pública de ensino, na qual atua como professora do Ensino Fundamental – Anos Finais, na Prefeitura de Jaboatão dos Guararapes. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Linguística e Língua Portuguesa.

Autora 4: É graduada em Letras - Inglês pela Universidade de Pernambuco (2011). Atualmente, atua como formadora de Língua Portuguesa, na Gerência de Educação dos Anos Finais do Ensino Fundamental (GEPAF). Tem experiência na área de Letras.

### A tecnología como recurso pedagógico nas aulas de lingua portuguesa

Assim como já revolucionaram a realidade social, as tecnologias digitais de informação e comunicação (doravante TDICs) estão revolucionando o interior da escola – âmbito dos processos de ensino e aprendizagem. Assim sendo, não faz mais sentido a escola ignorar sua importância na área educacional, pois as ferramentas tecnológicas impuseram-se como recursos pedagógicos, sobretudo, durante a pandemia, quando os professores foram forçados a adotá-las para poder dar conta do seu trabalho educativo.

Freire (2002) já revelava preocupação com essa realidade, pois, segundo o autor,

a situação atual submete o professor a buscar novas tecnologias para superar a prática mecânica existente em sala de aula, reconhecendo que ensinar não é transferir informações, porém, criar situações que levam o discente à construção do conhecimento e sua contextualização em ambientes de aprendizagem.

Como se vê, consoante o autor, não se trata apenas de inserir as TDICs em sala de aula, mas sim de utilizá-las para produzir atividades múltiplas, atrativas e contextualizadas, para prender a atenção do alunado e inseri-lo num processo prazeroso e proficuo de ensino e aprendizagem. Usar esses recursos para reproduzir a rotina e a previsibilidade da prática tradicional é perder o potencial que eles oferecem. Usar um smartphone apenas para o aluno copiar um texto do Google, por exemplo, é perder toda a potencialidade que esse aparelho tecnológico oferece aos seus usuários.

Uma das competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental, proposta pela BNCC, por exemplo, é a de que a escola deve oportunizar tarefas objetivando

mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais. (BRASIL, 2018, p. 87)

De acordo com essa perspectiva, portanto, as TDICs precisam ser adotadas na prática escolar, mas essa adoção requer um trabalho profícuo capaz de atrair o alunado, para oportunizar uma aprendizagem crítica e consciente de direitos e deveres, numa sociedade igualitária.

### O tik tok – mídia social e objeto digital de aprendizagem

Durante e após o período pandêmico, ficou evidente que as TDICs vieram para ficar. A ausência de debates sobre a temática, por algumas décadas, nas discussões sobre a prática de ensino de Língua Portuguesa, nos currículos escolares, a respeito das tecnologias digitais nas escolas públicas, foi um desafio que precisou ser revisto, após o debate e implementação da BNCC (2017) e do Currículo de Pernambuco (2019). Muitas intervenções e ações pedagógicas ainda precisam ser debatidas/realizadas para transformar a prática tradicional de ensino, a fim de que os/as professores/as entendam que tais ferramentas são usadas a favor de suas práticas de ensino. Dessa forma, escolhemos desenvolver o trabalho com o aplicativo Tik Tok, visando romper com as metodologias tradicionais de ensino, atuando de modo permanente na reinvenção do fazer docente, pois para reinventar-se é preciso (re)pensar a prática de ensino e conseguir alcançar uma prática dialógica, inovadora, por meio da qual o/a docente consiga mediar o conhecimento através do processo de ensino e aprendizagem.

O Tik Tok, aplicativo de vídeos curtos desenvolvido na China, em 2016, pela startup ByteDance, é uma das mídias sociais de maior impacto nos dias atuais. Segundo o jornal digital Poder 360, "o TikTok foi o aplicativo mais baixado do mundo no 1º trimestre de 2022 nas lojas da Apple e da Google. Foram mais de 175 milhões de downloads .". Essa liderança, ainda conforme o jornal digital, ocorreu pelo 4º trimestre consecutivo e, "ao todo, o app de vídeos curtos já teve mais de 3,5 bilhões de downloads desde seu lançamento, em setembro de 2016.". Todo esse sucesso do Tik Tok, também de acordo com o mesmo jornal, dá-se "especialmente entre os mais jovens", revelando, assim, quão atrativa e popular se tornou a plataforma chinesa mundo afora, sobretudo para os jovens estudantes.

Devido à popularização dessa plataforma móvel, decidimos adotá-la em contexto de ensino e aprendizagem e, assim, nós a transformamos num objeto digital de aprendizagem, por meio do qual trabalhamos a produção de texto do gênero microconto. Para despertar o hábito de leitura literária e de produção escrita dos estudantes, a professora Giselma traçou um percurso de ensino e lançou o desafio para a turma por meio do Google Meet e de diálogos em grupos no WhatsApp. O percurso teve cinco momentos.

Primeiramente, foi aplicado um questionário no Google Forms, sobre o gênero microconto, para que fosse possível fazer uma diagnose a respeito do conhecimento que os estudantes já tinham sobre o gênero e, também, para que fosse possível personalizar o planejamento, a fim de alcançar êxito nas aprendizagens dos estudantes. Com os dados em mãos, a professora disponibilizou um mural de microcontos no padlet e solicitou que os educandos fizessem uma busca de microcontos nas redes sociais e os lessem.

No terceiro momento, os estudantes responderam a uma atividade no Google Forms, de leitura e interpretação de dois microcontos. Depois foi solicitado o desafio de produzirem um microconto, aprimorarem as produções escritas e, posteriormente, oralizarem o texto no aplicativo Tik Tok. Os educandos que não gravaram o texto no aplicativo, nas aulas presenciais, apresentaram as produções nos cadernos. Após serem realizados os quatro percursos de ensino, o último passo foi o momento de socializar a produção no Instagram, para que todos pudessem ler e prestigiar os textos dos colegas de turma, conforme figura abaixo:

Imagens das produções de alguns estudantes disponíveis no Instagram da Professora Giselma Alves



Fonte: https://instagram.com/prof.gih.alves?utm\_medium=copy\_link

### Considerações finais

Este artigo deixou evidente que os/as professores/as precisam conscientizar-se de que, para haver estudantes participativos em sala de aula, é preciso "transgredir" o ensino tradicional, atentando para novas maneiras de mediar o conhecimento e transformar os processos de ensino e aprendizagem.

Também ficou claro que, quanto mais os/as professores/as se aproximarem das tecnologias digitais, como o Tik Tok – rompendo barreiras físicas e metodológicas –, mais aproximarão a aprendizagem do interesse dos estudantes, pois as aulas tradicionais não chamam mais a atenção dos nossos jovens.

### Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GOOGLE PLAY STORE. **Tik Tok.** Disponível em: https://play.google.com/-store/apps/details?id=com.zhiliaoapp.musically&hl=pt\_BR&gl=US. Acesso em: 12 maio 2021

MONTEIRO, Jean Carlos da Silva. Tik Tok como novo suporte midiático para a aprendizagem criativa. **Revista Latino-Americana de Estudos Científicos**, v. 01, n.02, p. 5-20, mar./abr. 2020. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/i-pa/article/view/30795. Acesso em: 30 abr. 2021.

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação e Esportes. Currículo de Pernambuco: ensino fundamental: área de linguagens. Recife: A Secretaria, 2019. Disponível em: http://www.educacao.pe.gov.br/portal/upload/galeria/19487/Linguagens.pdf.

PODER360. Tik Tok lidera como aplicativo mais baixado do mundo em 2022. Disponível em: https://www.poder360.com.br/tecnologia/tiktok-lidera-co-mo-aplicativo-mais-baixado-do-mundo-em-2022/. Acesso em: 28 maio 2022.

SIBÍLIA, M. Paula. A Escola no mundo hiperconectado: redes em vez de muros?. **Matrizes**, São Paulo, v. 05, n. 2, p. 195-211, jan./jun., 2012. Disponível em: https://www.redalvc.org/articulo.pa?id=143023787010

SILVA, Evaldo Gomes da. Leitura de microcontos mediada por aplicativo para smartphone no nono ano do ensino fundamental. Orientador: Antônio Carlos Xavier. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/26972/1/DISSERTA%c3%87%c3%830%20Evaldo%20Gomes%20da%20Silva.pdf. Acesso em: 30 abr. 2021.

SILVA, Maria Celia Ribeiro; SOUZA, Ianna Maria Sodre Ferreira de. Leitura e produção de microcontos – sem e com o uso de TICs na sala de aula: relato de experiência. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 3, p. 27483–27500, mar., 2021. Disponível em: https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJ-D/article/view/26547/21547. Acesso em: 25 abr. 2021.

SOUZA, Vanderlei de. **Pequeno como um dinossauro:** microconto, gênero autônomo. Orientador: Cláudio Aquati. 2021. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2021. Disponível em: https://repositorio.une-sp.br/bitstream/handle/11449/204536/-

souza\_v\_dr\_sjrp.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 28 maio 2022.





### Lucicleide Pereira

Pedagoga, especialista em Coordenação Pedagógica, contadora de histórias e gestora da Biblioteca Pública de Igarassu, de 2014 a março de 2022.

## Lucicleide Pereira

Biblioteca Pública de Igarassu: lugar de conhecimento a serviço da comunidade

### Entrevista por Maria Helena Dubeux e Marta Diniz



Biblioteca Pública Municipal Hercília Bezerra Bandeira de Melo – Igarassu/PE

## RLA - Como você apresenta a Biblioteca Pública de Igarassu?

Lucicleide - Antes mesmo da criação de uma Biblioteca Pública Municipal, o jornal Voz de Igarassu, na edição nº 27, de 30 de janeiro de 1955, nos informa que existiu em Igarassu, até o último quartel do século XIX, um Gabinete de Leitura Igarassuense, que desapareceu sem registros documentais. Segundo informações, com a ausência de uma biblioteca para atender a população, o então prefeito Clóvis Lacerda Leite cria, através da Lei Municipal nº 1074, de 25 de agosto de 1969, uma Biblioteca Pública, que foi inaugurada no dia 27 de setembro de 1969, num prédio localizado à Rua Dantas Barreto, nº 24, no sítio histórico. Em 29 de julho de 1970, através da Lei Municipal nº 1176, passa a denominar-se Biblioteca Pública Municipal Hercília Bezerra Bandeira de Melo. A biblioteca, no decorrer dos anos, durante administrações de inúmeros prefeitos, funcionou em vários prédios públicos instalados no município, como no prédio da Câmara Municipal, no Sobrado do Imperador, num antigo casarão ao lado da Escola Estadual Santos Cosme e Damião, no Centro de Artes e Cultura e, por último, no prédio anexo ao Museu Histórico. Após um período desativada, o prefeito do município, o Sr. Severino de Souza Silva, recuperou um prédio, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico (IPHAN) e pertencente à Prefeitura Municipal, situada na Rua Frei Caneca nº 24, no sítio histórico, e nesse local instalou a biblioteca, que foi reaberta ao público no dia 02 de dezembro de 2005. Nesse local funciona até os dias atuais, no horário de segunda a sexta-feira, das 07:30 às 17:00 horas. Com o tempo, a proposta de trabalho foi se modernizando e a Biblioteca Pública Municipal passou a ser não apenas um espaço de leitura e pesquisa, mas também um centro de informação e difusão da cultura.

## RLA - Na sua atuação como gestora, como você chegou à Biblioteca Pública de Igarassu?

Lucicleide - Professora efetiva da Rede, desde 1988, fui lotada na Biblioteca depois de um processo de readaptação de função, em 2012. Comecei a trabalhar no espaço, sem muito conhecimento na área. Em 2014, fui convidada pela gestão da Secretaria de Educação, Secretaria à qual sou vinculada, a assumir a Biblioteca Pública. O espaço encontrava-se especialmente como um local exclusivo para leitura, com poucos empréstimos de livros e era visitado por alunos de algumas escolas que vinham para realizar seus trabalhos escolares. Assumi a biblioteca naquele período. Foi um grande desafio, mas o desejo em torná-la um espaço vivo era minha grande missão.

### RLA - Qual o seu caminhar na atuação da Biblioteca?

Lucicleide - O caminhar foi desafiador. Sendo professora, não conhecia nada sobre a área de biblioteconomia. No momento, não tínhamos bibliotecário, mas o desejo de fortalecimento das ações era enorme. Então foi o momento de aflorar os talentos da equipe e explorar suas habilidades. Todos os talentos foram aproveitados. A equipe era formada por professora de teatro, arte educador, artesãos, contadores de histórias... A gestão participativa fez com que todos sentissem o desejo de transformação do espaço. A força e a união da equipe foram fundamentais para o êxito do nosso trabalho. Para os nossos serviços e projetos serem implementados, contamos com a nossa principal parceira: a Secretaria de Educação do Município de Igarassu. Consciente dos recursos escassos para a cultura e necessitando de recursos para a realização de alguns projetos, fomos em busca de parcerias com pessoas físicas e pequenas empresas locais. Alguns não nos receberam, mas outros, sim, que foram fundamentais para continuarmos acreditando em nosso projeto de transformação de um espaço vivo de leitura. O Sistema de Bibliotecas Públicas de PE, através da chefe da unidade Marta Diniz, nos apoiou em formações técnicas, culturais e orientações sobre programas e projetos, fortalecendo assim o nosso trabalho. Esses momentos de formação e as trocas de experiências foram fundamentais para ampliar as ações que estavam sendo realizadas na Biblioteca. Em 2016, o bibliotecário, também aprovado em concurso público, assumiu sua função e a equipe foi cada vez mais se fortalecendo. A Biblioteca Pública Municipal de Igarassu conseguiu se destacar pelos seus projetos e ações, mesmo em tempos tão difíceis de verbas escassas para a cultura, mas todo o diferencial está em uma equipe comprometida com a transformação social da comunidade na qual estamos inseridas. O amor, determinação, respeito, comprometimento com a causa são os principais ingredientes para o sucesso do nosso trabalho. Trabalhamos para transformar vidas através da Biblioteca Pública. Sabemos que muito ainda tem que ser feito para a construção de uma biblioteca excelente para a comunidade, mas a existência de uma biblioteca pública viva é uma vitória para todos, diante do cenário de sucateamento das bibliotecas públicas no país. Somos privilegiados pela atual gestão municipal, pois à

frente temos uma equipe comprometida com a educação: a Prefeita da cidade, professora Elcione Ramos, e a Secretária de Educação Andreika Asseker, que têm se empenhado na melhoria da qualidade dos serviços oferecidos, visto que são pessoas conhecedoras da grande importância desse espaço de conhecimento para a comunidade.

# RLA - De que forma você considera que a biblioteca se integra à vida do município de Igarassu e, mais especificamente, às comunidades com as quais são estabelecidas conexões?

Lucicleide - A Biblioteca passou a ser um espaço fundamental, não só para leitura, mas também para difusão da cultura e lazer. Acredito que a frequência atribuída ao espaço e o engajamento da comunidade aos projetos realizados são formas dessa integração com a comunidade. O momento mais difícil para todos acredito ter sido o período da pandemia, quando todas as bibliotecas precisaram fechar suas portas. Mesmo assim, continuamos oferecendo os serviços da biblioteca, de forma remota, em nossas redes sociais. Realizamos a Semana Nacional do Livro Infantil, com o tema "100 anos da menina de narizinho arrebitado", lançamos alguns desafios durante o projeto e a comunidade interagiu de forma efetiva. Realizaram os desafios propostos, fotografaram, postaram nos seus stories e mencionavam a biblioteca. A comunidade tem encontrado no espaço atividades empreendedoras, culturais, literárias, de lazer... que encantam a todos, e tem contribuído para o grande engajamento da comunidade.

# RLA - As articulações internas e externas da biblioteca são importantes para que a biblioteca exista e resista enquanto uma biblioteca viva?

Lucicleide - Com certeza. As articulações são fundamentais para o fortalecimento das ações e a resistência de um espaço público de leitura em um mundo tão tecnológico. Quando a comunidade entende o poder, como também o valor desse espaço, passa a amá-lo, cuidar dele, ou seja, todos tornam-se amigos e defensores do espaço. Essas articulações têm contribuído para o crescimento das ações através de várias parcerias firmadas com pessoas físicas e pequenas empresas locais.

# RLA - Quais pontos você destacaria como os mais gratificantes na sua experiência como gestora nessa hiblioteca?

Lucicleide - Trabalhar na Biblioteca Pública e principalmente gerenciar o espaço foi muito gratificante. Me tornei um ser mais sensível, mas também forte. Aprendi com as dificuldades que tudo é possível quando realizamos nosso trabalho com amor. Aprendi a grande fortaleza que nos tornamos quando realizamos trabalho em equipe. Trabalhar em uma biblioteca pública é um ato de amor, é um alimento para a alma, para a vida. Viva a vida, viva a biblioteca pública, por tocar tão fundo em minha essência.

# RLA - Na organização e funcionamento da biblioteca, que projetos ou ações você destacaria como definidores da identidade da biblioteca?

**Lucicleide** - Os projetos e ações desenvolvidos têm contribuído para a identidade do espaço, com foco na formação do leitor, resgate da cultura e memória do povo, favorecendo, assim, o desenvolvimento intelectual e humano do cidadão. São projetos e ações destinados a todas as faixas etárias.

Apresento, a seguir, alguns projetos ofertados pela biblioteca e o engajamento com a comunidade. &

### BIBLIOTECA EM RITMO DE FÉRIAS

O Projeto surgiu da necessidade de transformar o espaço da biblioteca em opção de lazer e entretenimento durante as férias escolares. Essa edição acontece nos meses de janeiro e julho. A comunidade espera ansiosa o projeto de férias da biblioteca. Nesse período, são realizadas diversas atividades de lazer, como contação de histórias, cineteca, oficinas de pipas, oficinas de desenho, entre outras. O objetivo desse Projeto é apresentar a biblioteca como espaço lúdico de leitura, desmitificando a ideia de um espaço monótono, de silêncio e criando a ideia de um espaço vivo, estimulando assim a frequência em outros períodos e apresentando a leitura como uma linda aventura.





### BLOCO BIBLIOTECA NA FOLIA DO SABER





### BIBLIDARRAIÁ

Surgiu da necessidade de trazer ao espaço um pouco da cultura nordestina. Na ocasião, o espaço é todo decorado com bandeiras, balões e barraquinhas. Também contamos com um maravilhoso trio pé de serra, disponibilizado pela gestão municipal, que se apresenta para todos os convidados. Biblioteca é cultura.





### POESIA NA JANELA: uma abordagem lúdica de leitura na Biblioteca

Esse Projeto surgiu da necessidade de atrair o público jovem, que costumava se sentar em frente à biblioteca, com aparelhos celulares nas mãos, apenas para usufruir do wi-fi. Cientes da nossa missão enquanto biblioteca pública, almejamos torná-la um espaço atrativo à leitura, no qual fosse possível reunir recursos tecnológicos e leitura de forma direcionada. Decoramos a janela com uma boneca namoradeira, também feita em papelão pelo nosso funcionário e artesão, o mestre Antero Assis, colocamos uma cortina de renda e uma placa em tecido com o nome do Projeto, e ainda preparamos uma caixinha com várias poesias, que deixamos à disposição de todos. O Projeto foi pensado para um curto período, mas a aceitação foi tão grande que acontece todos os dias, desde que tenha alguém disposto a recitar. Gravamos o vídeo e postamos em nossas redes sociais.





# PELA JANELA DA MEMÓRIA: as narrativas orais na rememoração da história contemporânea de Igarassu

O Projeto, de autoria da professora Alexandrina Guedes e do bibliotecário Moaci Vilarino da Cunha Junior, tem como objetivo reconstituir a história recente do município de Igarassu, a partir do registro das narrativas orais de convidados que fazem parte da memória coletiva da cidade. Para essa reconstituição da história, foram convidadas 10 pessoas que moram ou que moraram em Igarassu e trazem consigo uma memória afetiva ou recente da história da cidade. Pessoas que de alguma maneira intensificam, através de suas vivências, o crescimento e as mudanças ocorridas desde sua estada em Igarassu.

Foi montado no espaço da Biblioteca Pública um cenário propício, em que os participantes se sentem à vontade para contar suas memórias. O espaço conta com um mural em tecido, com a imagem da cidade ao fundo, com cadeiras tipo poltronas onde o narrador da noite senta-se para começar a contar suas memórias. Para registros dessas memórias, firmamos parceria com um fotógrafo local, para os registros fotográficos e as filmagens, e também com membros da Academia Igarassuense de Cultura e Letras, para que as memórias sejam escritas e compiladas em um livro, a ser publicado no futuro.





### OLHARES: rememorando Igarassu

O projeto fotográfico teve como objetivo registrar lugares da nossa cidade na atualidade. Usamos como critério que os registros fossem realizados no mesmo ângulo das fotos de décadas passadas, disponibilizadas pela equipe da biblioteca. Para a realização desse Projeto, foram convidados oito fotógrafos, que foram desafiados a reproduzirem, através das lentes de suas câmeras, as imagens recebidas, utilizando o mesmo ângulo da foto antiga recebida. A exposição foi organizada da seguinte forma: as duas fotos eram expostas, uma ao lado da outra, a atual e a antiga, e essas imagens nos permitiam fazer uma viagem no tempo.





### PROJETOS LITERÁRIOS

Durante todo esse período de gestão, vários projetos literários foram desenvolvidos e muitos homenageavam alguns autores da literatura. O objetivo de cada projeto era apresentar à comunidade as obras literárias, de forma lúdica, contribuindo para aguçar a curiosidade e instigar a formação de futuros leitores. Entre os vários projetos literários destaco:

Harry Potter: 20 anos de magia (exposição em homenagem aos 20 anos da obra Harry Potter e a pedra filosofal)





### Estação literária em homenagem aos 100 anos de Tatiana Belinky

A Estação é representada por um trem, que tem um dos seus vagões transportando livros. Esse Projeto é de extensão da nossa biblioteca. O objetivo é levar a leitura às escolas e comunidades vizinhas, de forma divertida. No momento da apresentação da estação e antes do manuseio dos livros pelas crianças, é realizada contação de histórias.





Acrescento algumas formações, participações em projetos e feiras de leitura, que contribuíram para o fortalecimento do nosso trabalho, enquanto agentes de transformação social.



Participação no I Encontro Nacional de Bibliotecas Públicas, realizado no Rio de Janeiro através do Programa Conecta Biblioteca (RECODE), em junho 2017.



Reunião junto ao Sistema de Bibliotecas Públicas de PE, direcionada pela chefe da Unidade Marta Diniz, com coordenadores municipais selecionados para o Programa Conecta Bibliotecas (RECODE), para compartilhamento e alinhamento das ações.



Apresentação das ações e parcerias que fortaleceram o trabalho da nossa biblioteca pública no II Encontro Nacional de Bibliotecas Públicas, realizado no Rio de Janeiro, em maio de 2018, pelo Programa Conecta Biblioteca (RECODE).



Armazém das Palavras, evento realizado pelo Sistema de Bibliotecas Públicas de PE, que promove diálogos sobre práticas leitoras em bibliotecas públicas, sobre o incentivo à leitura e ao desenvolvimento humano.



Fonte: bibliotecapmigarassu

Participação na IV Feira de Leitura da UFPE, com o Projeto Poesia na Janela: uma abordagem lúdica de leitura na biblioteca, em parceria com o SBPPE, através do Projeto Bibliotecar.

Nota-se que, para o trabalho fluir, foi necessário um esforço em conjunto (equipe, parceiros, gestão municipal, comunidade), e assim seguimos na certeza de avançarmos cada vez mais, fortalecendo nossas ações em busca de uma biblioteca pública adequada para atender as necessidades sociais do cidadão.



**Fernanda Mélo**Professora de Teatro do Colégio de
Aplicação da UFPE e Contadora de
Histórias.

## Fernanda Mélo

Ser narradora de histórias orais é poder sustentar e inventar tradições

Entrevista por Maria das Graças Vital de Melo

### RLA - Quando e como você iniciou sua trajetória como contadora de histórias?

**Fernanda -** Profissionalmente, a minha pesquisa com a contação de histórias, enquanto linguagem artística da oralidade e da cena, iniciou no ano de 2012. Ou seja, estão fazendo 10 anos dessa investigação corp(oral) nas minhas práticas artísticas e educacionais. A trajetória começou no momento em que assumi a pesquisa da contação de histórias enquanto possibilidade de prática poético-metodológica da Pedagogia do Teatro com crianças da Educação Infantil.

### RLA - Como você se sente quando está atuando como contadora de histórias?

**Fernanda** - É sempre um grande reencontro comigo mesma. Narrar histórias me transforma a cada conto narrado, em uma nuance percebida no momento da performance, além de ser um espaço de encontro fértil com as diferentes plateias, que sempre imprimem suas vozes, ações e silêncios ao que está sendo dito. Assim, me sinto plena quando estou exercendo esse ofício.

### RLA - O que significa para você ser contadora de histórias?

**Fernanda** - Significa ser um elo com as minhas ancestralidades, ser uma voz de representatividade com as histórias que escolho narrar. Ser uma narradora de histórias orais é poder sustentar e inventar tradições. Eu compreendo ser contadora de histórias como um presente, porque acesso sentimentos de muita potência de criação quando estou contando.

### RLA - Como foi sua formação inicial nessa área?

Fernanda - Penso que a formação inicial para contar histórias é escutar histórias, observar o espaço que as narrativas têm no cotidiano, assim como procurar espaços em que compartilhamentos da arte da tradição oral aconteçam de maneira sistematizada. Em Recife, gostaria de citar a Noite de histórias, no Teatro Joaquim Cardozo (Centro Cultural Benfica/UFPE), que já acontece há 12 anos e tem coordenação de Clenira Melo e Lenice Gomes. Além disso, participei da formação para contadoras(es) de histórias, com duração de 12 meses, do grupo recifense Zumbaiar, que tem a coordenação de Ana Carol Lemos. Quem me levou até esse curso foi uma oficina de iniciação na arte de contar histórias, com a multiartista e contadora de histórias Adélia Oliveira.

### RLA - Você teve alguma dificuldade para iniciar o trabalho de contadora de histórias? Se você teve, como superou os desafios?

**Fernanda** - Pelo contrário, eu tive muito acolhimento, incentivo e espaços formativos que me abriram as portas e possibilitaram uma inserção com fluidez no cenário local. Para isso, foi essencial a interlocução com colegas contadoras(es), inicialmente frequentando os diferentes espaços com rodas de contação que já existiam na cidade.

## RLA - Quais suas principais referências teóricas no campo da contação de histórias?

Fernanda - Essa pergunta é interessante porque o trabalho com a contação de histórias está primeiramente relacionado com a oralidade, e considerando que as teorias primeiro existem no corpo, vou citar minha família como referencial da ação de narrar, em encontros, festas, cerimônias, rituais... a palavra tem uma centralidade na forma de se relacionar do meu núcleo familiar. Já pensando numa perspectiva acadêmica, que venho buscando compreender como academicênica em minha trajetória, gostaria de trazer as vozes nacionais de Lenice Gomes, Regina Machado, Giuliano Tierno, Luciana Harttmann, Gislayne Avelar Matos e internacionalmente o trabalho da argentina Ana Padovani e da ganense/inglesa Inno Sorsy.

# RLA - Qual a importância da contação de histórias para a formação dos estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental, especialmente no ciclo de alfabetização?

**Fernanda** - As histórias são importantes como registro da memória, como exercício de coletividade, de reconhecer-se pertencente a uma comunidade, seja a escolar ou outras nas quais a/o estudante esteja inserida/o. Assim, para estudantes das séries iniciais, o vínculo com a palavra narrada e escrita pode ser construído através de diferentes relações com a contação de histórias. Penso que pode ser um grande convite a se apaixonar por ouvir e por ler, porém acho importante ressaltar a importância das diversidades na elaboração de um repertório para as crianças e principalmente compreender que a história tem sua potência na própria existência e partilha, sem precisar de temáticas que ensinem conteúdos de maneira direcionada. Ouvir e contar histórias pode ser uma vivência de liberdade e de fortalecimento de vínculos e isso cresce quando se tem rituais partilhados e inventados coletivamente.

### RLA - Qual a relação que você faz entre a experiência de participar de espaços de contação de história e a formação de leitores?

**Fernanda** - A palavra "experiência" é muito bem-vinda para pensar a criação de espaços de contação de histórias e formação de leitoras e leitores. Então, compreender a potência das crianças como protagonistas desses processos, narrando as suas histórias de vida, pesquisando a sua comunidade, vivenciando aspectos da sua ancestralidade é importante para produção dessas experiências. Gostaria de referenciar nessa perspectiva o trabalho de Roma Julia (PE), com o Projeto Histórias do meu Povo, e também o de Kemla Batista (PE/RJ), com sua atuação na Casa do Ofá (Olinda-PE).

# RLA - Quais são as potencialidades da contação de histórias para a educação escolar nos anos iniciais do Ensino Fundamental?

**Fernanda** - Os anos iniciais do Ensino Fundamental podem ser um espaço em que o corpo seja um lugar de criação com/para muitas aprendizagens. Então, entendo que a contação de histórias pode ser experimentada corporalmente, apresentando a essas crianças diferentes mundos e culturas, personagens, formas de ser e existir, além de possibilidades de se relacionar com empatia e curiosidade. Com certeza tem muito de teatro nessa minha fala/escrita também, e gostaria de destacar o quanto a escuta é uma ação corporal; a leitura e a escrita também, assim como a fala que produz a narrativa.

# RLA - É possível inserir a contação de histórias como atividade curricular nas escolas? Quais os limites e as possibilidades?

Fernanda - É necessário inserir a contação de histórias como linguagem artística e prática humana, com diferentes possibilidades de diálogo e imersão no currículo da Educação Básica, e não só para crianças, mas para adolescentes, jovens, pessoas adultas e idosas, em diferentes etapas da vida escolar. É muito potente pensar que a ação de ouvir e contar histórias pode estar entrelaçada com todas as fases da vida. É festivo e base para produzir outras formas de existir na escola perceber as histórias como fundantes para compreender quem somos, para assumir a provocação de Ailton Krenak quando nos diz que "adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história."

### Referências

Krenak, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**/ Ailton Krenak. São Paulo: Companhia das letras, 2019.



História

# Uma aventura aos cinco anos...

### Sobre o autor

Enderson Costa é um passarinho. Movido pela carniça social, decidiu comer o lixo do mangue. Transcendeu o caranguejo, se tornando urubu, e suas asas lhe roubaram as paredes para memorialismo.

### **Enderson Costa**

Era uma casa muito genial. O teto era telha canal com lodo. Era possível enxergar as estrelas e o céu azul pelas fendas ali existentes. Tudo tão lindo...

- Só não compreendia o porquê de tanta preocupação da minha mãe.

Tinha medo do escuro e aquelas brechas eram o que me consolavam. Sentia-me seguro. Quando vinha a chuva, sentia alegria, os vários respingos a bater no meu corpo.

- Só não compreendia o porquê de tanta preocupação da minha mãe.

Aquilo que eram gotas, engrossava, começava aí o toró. Nossa... Como aquilo era bom! A possibilidade de tomar banho de chuva sem sair de casa, um privilégio.

- Só não compreendia o porquê de tanta preocupação da minha mãe.

Corria lentamente pela parede aquela chuva que coincidentemente era cor verde. A cor do lodo do teto. Tínhamos que ficar com o pijama igual ao do Banana de pijamas. Eu e meu irmão em uma cama e, meu irmão mais velho com minha irmã em outra. Dormíamos do lado avesso um do outro. Afinal, a cama de solteiro tornava-se pequena para dois. Um quarto com duas camas de solteiro. Nossa magrelice ajudava na locomoção dentro do quarto.

 Só não compreendia o porquê de tanta preocupação da minha mãe.

Com o passar do tempo, minha felicidade aumentava, sendo possível até, flecheira. Poderia fazer a cama de trampolim e a água que batia no meu joelho de rio, um rio só nosso e dentro de casa. Tudo mágico. Às vezes ficava brechando através do lençol, que, na minha casa, não tinha apenas a função de cobrir e esquentar, tinha função também de ser a porta do quarto. Olhava dali, sem entender ao certo o que estava acontecendo. Minha mãe corria e, como uma super-heroína, ela sozinha conseguia levantar o sofá, a mesa; a cama não precisava porque naturalmente seus pés tinham oito furos. Colocava ela, debaixo deles dois, às vezes dobrava a quantidade de tijolos para subir os móveis. MINHA MÃE TINHA MEDO DO MEU RIO! E eu...

- Só não compreendia o porquê de tanta preocupação da minha mãe.

Quando o frio aumentava, junto com ele chegava a vontade de fazer xixi. Parecia coisa de cinema. Mainha me pegava no colo e levava ao banheiro, e com a força do Hulk, me segurava nos braços e eu dali de cima como um super-homem voando, mirava a privada e urinava. Voltava para cama nos braços daquela heroína. E como de costume: "Paff", acabava a luz. Aí sim, começava a festa! Ficávamos conversando e brincando até tarde da noite.

Às vezes, até quase o clarear do dia. Minha mãe sentava na cama que agora ao invés de ser dividida por dois, seria dividida por três. Hoje percebo o quanto que mainha contrariou a Física, conseguindo colar três pessoas no mesmo espaço. Às vezes tinha uma luz de fogo, mas não era hábito.

- Só não compreendia o porquê de tanta preocupação da minha mãe.

Mesmo sorridente, brincante e de bastante carinho, percebia que ela tinha uma preocupação escondida através daquele olhar. Torcia o nariz e coçava constantemente. Eu gostava do cheiro! Ela me dizia que era esgoto. Eu nem ligava, pra mim aquilo era um grande aventura. Ao amanhecer, ela se tornava egoísta, não deixava a gente se aproximar do rio. Apenas ela podia passear pela água. Enquanto pra mim todo era bom, ela transpassava tristeza. Às vezes conseguia ouvir o choro dela. Nunca vi, só ouvi através da parede que dividia nosso quarto. Mesmo sem compreender ao certo, eu sabia, no fundo, que minha mãe estava triste e que até a beleza do sol não era capaz de transformar o olhar triste dela. Jogava incansavelmente a água do rio pra fora da casa com um pote de soverte. Limpava tudo. Infelizmente a limpeza trazia para mim o fim da aventura.

"Se as palavras não te envolverem o coração, saibas que não és deste mundo."

"No princípio era carne e depois me tornei frase, solta ao vento".

Parafraseando esta passagem bíblica, inicio a minha simples e singela aventura pela vida. Sou Enderson Costa, 27 anos, casado e pai de duas lindas joias: Anderson Henrique, de 5 anos, e Maria Gabriela, de 5 meses. Lembro-me bem de que, no nascimento de Anderson Henrique, conversava com minha esposa a respeito de nosso futuro. E deixamos solto ao tempo a força da palavra. Falávamos em outro filho após os cinco anos dele. E que assim seja, foi concebido sem intenção, mas com muito amor. Gabriela nasceu de um supetão. Assim como um estourar de balão, o acender da lâmpada, assim como o pensamento. Melhor, pensamentos antigos. Nos preveníamos, eu e minha esposa, a parceira Iris da Costa. No entanto, quebrando as barreiras da prevenção, ela apareceu como um anjo em nosso colo. Reafirmei em mim a certeza da palavra, do desejo. Quando muito jovem, ainda na puberdade, conheci a Biblioteca.

– Olha lá, a biblioteca do Reginaldo.

Ouvi muitos falarem isso. O que me impressionou, muito mais que a própria biblioteca a princípio, foi a garra de criar do nada um espaço. Móveis, objetos, livros. Observava minha irmã Elãine, dois anos mais velha que eu, naquela batalha diária por um objetivo ainda pensado. Dias se passaram e percebi que eles falavam o tempo todo sobre a ideia de ter uma local na comunidade que tivesse algo voltado para educação. Eu, só a observar.

Com o tempo, o desejo aumentou e assim se firmou uma biblioteca na favela. Tão apaixonado por isso, eu decidi me integrar ao Projeto. Com a força da minha irmã e o acolhimento dos que já estavam, entrei e fui com tudo. Nossa... descobri um novo mundo e comecei a ver a força das palavras! Agora, não são só apenas palavras pensadas ou faladas, mas, sim, as escritas. Foram um, dois, três, quatro livros. Aumentando a todo tempo, influenciando, complementando a minha vida e fazendo parte do meu cotidiano. Ainda na adolescência, vi, vivi e presenciei tragédias, mortes, dor e sofrimento sofrido pelos meus, pelos moradores da favela. Não conseguia compreender como era fácil o envolvimento com a criminalidade, drogas.

– Mas, por que pessoas inteligentes agem voluntariamente em desfavor delas próprias?

Pensava eu ainda na minha imaturidade. Hoje, aos 27 anos, percebo que perdi praticamente 75% dos meus "comparsas". Eles se foram. Uns assassinados, outros arribados (é um tipo de ser humano que deve fugir para não perder a vida. Mas, que vida? Aquele que não tem liberdade de ir e vir não vive, apenas passa por ela). E os que ficaram, incluindo eu, ficamos predestinados a trabalhos braçais, trabalhos pesados. Como pedreiro, jardineiro...

"Puxo para os pés aquilo que descartas. Levanto e, com cuidado e carinho, o guardo: misturas, corpos sem alma, completam-me o dia. Calos transpassam as luvas. O ar, como uma adaga, perfura o pulmão. Orgulhoso, sujo a alma e limpo seus dejetos. Prazer, sou Gari." ...Profissões tão essenciais e tão desvalorizadas. Nos desdobrando para o bem-estar de outros como...

"Descanso ou solidão? **Apenas um quarto** numa mansão. Antes de deitar, não se esqueça do jantar! – Levante e faça! Aqui a hora não para, não passa, dispara trabalho! Ferramentas sobre móveis, limpezas sobre espaço. Dividimos porão dormindo num colchão. Rádio de pilha, não tem televisão. Sofro sozinha na escuridão, ralando pelo pão. Prazer, sou empregada doméstica."

O afavelado vive sob as sombras, às margens da sociedade. Percebi que não existiria outra maneira de traspassar as barreiras da favela social se não fosse através da educação. Como diz o mestre Paulo Freire: "Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda". Percebo que sou frase viva de Paulo Freire. Que existe vida após os muros da favela. Que o livro é superior à cor, à raça, às condições financeiras, além do próprio mundo chamado favela. Posso dizer que vivi todas as fases deste ser chamado "palavras". Caminhei pelos seus vários formatos, imaginário com o "Pensar", concreto com os "livros" e neste momento o abstrato com o "Escrever". Pretendo encerrar meu primeiro livro "Contos de Palalas", que são histórias vividas, vistas e ouvidas por um afavelado e transformadas em contos da vida real. A partir disso, não existiria outra maneira de superar as minhas condições sociais se não fosse através da educação. A ajuda literária pela descoberta oferecida pela BCCT (Biblioteca Comunitária Caranguejo Tabaiares) foi essencial para o que me transformei. Concluo o curso de Direito este ano, estou no 10° período. Agradeço à Biblioteca Comunitária Caranguejo Tabaiares pelos 17 anos de aprendizados e descobertas, na certeza de que "serei aquilo que desejar ser. Basta guerer ser".

# Poesia

### Me vejo negra

Telma Leal

Me vejo negra na aura que me cobre No cheiro da minha história Na tormento da minha mágoa

Nasci sem cor e transitei entre mundos Vivi percalços aqui e acolá Mergulhei na dor dos que amo E escolhi fincar pé onde a pretitude impera.

Os baculejos que vi, tão transparentes a uns, doeram na minh'alma A negritude das favelas me acometeu com olhos indignados A violência vil da indiferença e do deboche me atravessou a garganta

Conheço bem a ferida do desdém A falsa simpatia e a hipocrisia que o racismo encobre Conheço também as palavras ferinas que humilham e maltratam

Tantas vezes me vi chorando essas dores Vezes tantas engoli farpas em silêncio

Mas hoje, mais negra do que nunca, sei que herdei mais que lábios grossos

Herdei a força e a coragem sombreadas de luta E não importa o que uns e outros veem ou pensam Ser negra na aura é só o que preciso.

### Sou negra

#### Telma Leal

Sim, sou negra Você não notou? Pois presta atenção, senhor! Presta atenção na minha alma Presta atenção na minha aura

Alma de negra Aura escura Sangue na veia Melanina no suor e pai<u>xão</u> pelo sol

Sou uma Dandara Sou uma Marielle Sou marias

Sou história não contada Sou cada beco, cada menina

Nenhum senhor me acompanha Sou flor, sou bala Se me ferem, sou gata Sete vidas Se me matam, sou semente Broto do nada

Se você não notou, presta atenção, senhor Seu racismo não me desalinha Sou flecha apontada em cada esquina

#### Sobre a autora

Sou sertaneja, de São José do Egito. Sou do Nordeste, sou brasileira, latina. Sou do mundo. Gosto de cantar, de dançar, de ler, de ouvir histórias, de viajar. Gosto de gente, de plantas e de bichos. Sou pessoa de fé. Fé na vida! Às vezes, faço poesia; às vezes, sou pesquisadora. Ah! Sou também professora. Na UFPE, me divirto, ensino, aprendo.



## **Black Friday**

#### Adriano Dias de Andrade

Para Leandro Anderson Silva

As irmãs desnutridas do Pilar não conhecem o desconto nesta vida

A miséria muge e gargalha tirana desde Brasília

As crianças largadas sobre a cama só conhecem o abandono desta lida

A miséria se agita ceifando a beleza de quem lhe desdizia

As meninas esfomeadas e sem vida sentirão algum amor neste dia?

A miséria mira aponta e atira fingindo-se sheik vazia

As quatro separadas pelo horror viverão qual país melancolia?

Recife, novembro de 2021.

\*Poema inspirado na triste história real de abandono de quatro crianças numa comunidade do Recife, no final de 2021. Fato noticiado em: https://gi.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2021/11/24/um-mes-apos-sere m-abandonadas-pela-mae-4-criancas-sao-achadas-sozinhas-em-casa-estava m-sem-comer-sujas-e-com-piolhos-diz-conselheiro-tutelar.ghtml. Acesso em: 26 nov. 2021.

## Aqui

Para Rafaela Barbosa

Aqui o tempo não avisa Caminha devagar como quem nada quer Agui o tempo é ar Levíssimo enquanto submerge o amor Aqui o tempo é dor Que, impune, agoura o devir Aqui o tempo é Sem palavras, nem cor Aqui somente se espera Sobre as malas, com passagens em punhos Agui não há encontro Encruzilhada perdida ao pé da montanha Aqui você é sempre falta Escondida, pulsas por baixo dos casacos E de todas as peles Aqui não há ligação Apenas fio leve, trepidante sob o solo antigo Aqui o tempo é urgência Vai passar, vai passar... Aqui sou eu agora Voz rouca, pensamento vadio, pés descalços Aqui é passageiro Volto logo, volto, me espera Amém

Pesqueira, junho de 2010.



Arquitetura. Arte. Cinema. Design. Língua(gens). Literatura. Lugares. Música. Perfume. Pets. Tudo isso me interessa e me motiva. Tudo isso é estopim para construção de sentidos e vivências. Tudo isso são pontos no mapa da minha paisagem interna. Sou nascido e criado em Recife, Pernambuco, mas tenho o sentimento do mundo entre as mãos. Sou professor, pesquisador, editor, revisor e, mais recentemente, estudante de Arquitetura e Urbanismo. Mas, principalmente, sou um contínuo aprendente da vida e do tempo.

### Uma mulher vestida de sol

#### Maria das Graças Vital de Melo

Como uma onda ela se propaga E vai leve e solta pelo ar Chora, nem tudo brilha Seus cabelos que vigor têm Não é Dalila Mas é Mulher

É vento, é sol, é límpida e feliz Triste e bela é corpo motriz Seu choro é força, luz, pura ilusão É água que (re)alimenta seu coração Não é sereia Mas é Mulher

É uma mulher vestida de homem É um sol iluminando uma mulher

# Dançar a vida

Rodopiando todo o corpo Corpo gira sem parar Alça voos nas alturas Fica suspensa no ar

No alto brilha uma estrela Movimenta o céu e o mar Maré vai e volta rápido O tempo não pode parar

O espaço se amplia Menina-moça a guiar Os passos de uma mulher Que deseja respirar

O medo do sucesso A seu pai vai informar Nas águas de suas lágrimas Ela pode se encontrar

Dançar a vida é uma grande possibilidade.





# Manguezais, garças e livros – Um Relato de Experiência

#### Mônica Alves Coelho do Santos Programa Manuel Bandeira de Formação de Leitores

#### Como tudo começou

Meu primeiro contato com o manguezal, com os livros e com a contação de histórias deu-se por intermédio de meu pai, professor do curso de Engenharia de Pesca da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Ele costumava me levar junto com seus alunos para as aulas de campo. Naquela época, embora eu fosse ainda bem pequena, estava sempre por acompanhando-o em suas aulas e pesquisas. Era fantástico poder observar a movimentação constante de umas criaturinhas bem interessantes e muito rápidas: os xiés, caranguejinhos que durante as marés de baixa-mar ficavam perambulando no sedimento lamoso do manguezal, com suas patinhas, acenando uns para os outros. Ficava encantada, tentando entender o porquê daguilo tudo. O tempo foi passando, fui crescendo e me apaixonando cada vez mais pelos encantos naturais desse ecossistema, até que no ano de 1988 me tornei uma bióloga, por vocação, curiosidade e encantamento.

#### Um barco escola, o manguezal e as garças

Em 1998, prestei concurso para a Secretaria de Educação do Recife e atuei durante 16 anos como professora na sala de aula flutuante, do barco-escola. Nesse período. tive o privilégio de poder observar, bem de pertinho, um lugar que considero um palco da vida e dialogar com os estudantes, sobre as belezas e impactos ali observados. Durante as incursões realizadas no barco-escola, pude observar, constantemente, representantes de moluscos, crustáceos e aves. Dentre as aves, as mais observadas foram as garças - a garça-branca-pequena e a garça-branca-grande, esta última, com maior população, carinhosamente apelidei de Gracinha. Gracinha e suas amigas compunham um bando de criaturinhas lindas e elegantes, todas bem branquinhas, com o bico amarelo e o pescoço muito alongado, o voo belíssimo e, quando paradas, ficavam tão quietinhas que até pareciam estátuas.

#### Como surgiu a personagem

Para ilustrar a importância do manguezal e os impactos observados durante as aulas no barco-escola, tornando-as mais lúdicas e interessantes, criei a personagem garça Gracinha. Então, durante as aulas, com a ajuda de Gracinha, comparávamos o manguezal a um local bom para o namoro (local de reprodução), uma maternidade (local de nascimento), um berçário (local de crescimento e desenvolvimento), um restaurante (local de grande produção de matéria orgânica) e um lugar de aconchego (local de abrigo e repouso).

Gracinha tinha o poder de "cutucar" os estudantes, pois, ao mesmo tempo em que ela problematizava e trazia para o diálogo as questões relacionadas ao descarte inadequado dos resíduos sólidos e líquidos, apontava também para as belezas desse ecossistema, buscando promover a sensibilização e mudanças de atitudes.

Considero Gracinha uma ativista em prol do manguezal do rio Capibaribe. Ela vive e convive no aconchego desse ecossistema, junto com os pescadores e com outros animais; vê tudo o que acontece por lá e bem de perto. Ela observa pessoas preocupadas e cuidadosas com o manguezal e com as águas do Capibaribe; e outras que espalham lixo por todo lugar, deixando para trás grande rastro de sujeira.

#### Cama a livara fai camealaidh

De tanto as garças participarem das aulas e principalmente a Gracinha, por ser a mais esperta e falante, perguntei se poderia escrever a sua história de vida e colocar num livro... E sabem o que ela disse? – Claro que sim Mônica, fique à vontade para escrever minha história, mas não se esqueça de um assunto que me inquieta muito e me deixa muito aflita, o descarte inadequado dos resíduos sólidos e líquidos. Ela me pediu que eu contasse a sua história ao maior número de crianças, para que fiquem sabendo que o estuário do rio Capibaribe é um lugar belíssimo e que precisa de todo o cuidado e atenção. Então, escrevi a história de Gracinha e fiz o que ela pediu. Depois, fui às escolas contar a sua história.

#### Como a história da garça Gracinha serviu de intertexto para a construção de novas histórias

Compondo a equipe do Programa Manuel Bandeira, tive a oportunidade de contar a história de Gracinha em vários lugares.

No Laboratório de Metarreciclagem do CETEC, juntamente com a professoras Djanice Leonardo (Coordenadora do laboratório) e Kate Limeira (do Programa Manuel Bandeira), realizamos um trabalho de cunho ambiental, envolvendo literatura (contação de história) reaproveitamento de resíduos eletrônicos, para a confecção de movimentos uma garça, com (metarreciclagem) e participação ativa das crianças.

Em seguida, fui convidada para contar a história de Gracinha na E. M. Nossa Senhora da Penha. Nessa escola, Gracinha "cutucou" tanto as crianças (estudantes do 2º ano) e a professora de lá (Lídia Martins) que, envolvidas com a narrativa, escreveram coletivamente uma nova história: "O dia em que a garça Gracinha visitou a minha escola", ilustrada com massinha de modelar.

Além dessa escola, fomos também, eu, Gracinha e Kate, cutucar os estudantes (do 5º ano) da Escola Novo Mangue. Lá, Gracinha, mais uma vez, "cutucou" e encantou tanto que os estudantes e as professoras (Edivani Souza e Raquel Gonçalves) construíram, também coletivamente, uma nova e linda história: "Heranças de Gracinha".

#### Graeimha vai à hiemal de livre

Em outubro de 2019, na XII Bienal Internacional do Livro de Pernambuco, tive a felicidade incrível de apresentar ao público a história de Gracinha, essa criatura que nos "cutuca", nos faz refletir sobre a problemática do descarte inadequado dos resíduos. Também nessa mesma Bienal, o livro filhote da garça Gracinha, "O dia em que a garça Gracinha visitou a minha escola", foi apresentado publicamente; inclusive essa atividade foi matéria de jornal: "Alunos da rede pública do Recife lançam livro na Bienal".

#### Navas mishmias

Uma vez que você escreve uma história você se motiva a escrever novas, pois uma história puxa a outra, e assim aconteceu. Em parceria com Kate Limeira (Programa Manuel Bandeira), escrevemos "A volta da garça Gracinha". Com Mariana Vitória (minha filha), escrevemos "Tatá, a tartaruga marinha". Nessa história, também são apresentadas as consequências do descarte inadequado

dos resíduos sólidos e líquidos, só que dessa vez, nos oceanos.

#### Um desejo

Espero que a história da garça Gracinha e a de Tatá, a tartaruga marinha, sirvam de inspiração para a construção de novas histórias e que elas cumpram o papel de denunciar a problemática do descarte inadequado dos resíduos sólidos e líquidos nos rios, manguezais, praias e oceanos.

Vamos escrever novas histórias! Viva o manguezal! Viva o oceano! Viva a vida!

#### Agradecimentos

A Mariana Vitória, minha filha, por gostar de escrever e ser uma fonte de inspiração para mim.

Em especial, a Kate Limeira, pela amizade e parceria nos momentos maravilhosos que passamos juntas, contando histórias, juntamente com Gracinha e Tatá.

À Professora Djanice Leonardo, pelas atividades desenvolvidas no Laboratório de metarreciclagem, que culminaram na construção de uma garça com movimentos.

Às queridas professoras Edivani Souza, Raquel Gonçalves e Lidia Martins, pelo carinho e pelas atividades desenvolvidas nas Escolas Novo Mangue e Nossa Senhora da Penha, que culminaram na construção de novas histórias.

A todas as pessoas queridas que compõem o Programa Manuel Bandeira de Formação de Leitores (do qual eu faço parte).

E, finalmente, a todas as crianças que foram "cutucadas" por Gracinha e, com isso, se motivaram a escrever novas histórias.

https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cidades/educacao/noticia/2019/10/06/alunos-da-rede-publica-do-recife-lancam-livro-na-bienal-389828.php

## De volta ao tempo das cavernas

Deise Silva – Professora da Biblioteca Escolar Luiz Gonzaga da Escola Municipal Vila São Miguel Karine Nóbrega – Coordenadora da Escola Municipal Vila São Miguel

O presente relato trata do trabalho desenvolvido na biblioteca escolar Luiz Gonzaga, embasado no Projeto Político-Pedagógico da escola, a partir da temática da Rede Municipal do Recife "ACREDITAR, INOVAR E TRANSFORMAR ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO". O Projeto se propõe a descobrir com os alunos, de forma lúdica e prazerosa, como invenções e inovações transformaram o modo de vida do ser humano. Acreditar que em algum momento os homens viveram de forma tão rústica e sem a facilidade que temos hoje chega a ser difícil de acreditar, e levar o imaginário das crianças até este tempo foi o principal objetivo do trabalho com o livro "Rupi: o menino das cavernas".

#### O caminho até aqui

A Biblioteca Escolar Luiz Gonzaga não é um espaço novo na escola. A luta pela garantia do espaço físico, problemas com infiltrações, danificação de livros, reformas, trocas de mobiliários permearam a história do espaço. No entanto, a maior dificuldade era que funcionasse como um espaço de leitura conhecido pelos discentes e docentes e estivesse presente nas rotinas de atividades diárias da comunidade escolar.

Em agosto de 2020, eu, Deise Silva, professora da Rede Municipal de Recife, fui lotada como professora de biblioteca da Escola Municipal Vila São Miguel. Em meio à pandemia, com escolas fechadas, aulas remotas, como desenvolver o gosto pela leitura nas crianças? Com contação de histórias!

Logo estavam sendo enviados, pelos grupos de WhatsApp das turmas, vídeos com minhas contações de histórias, selecionadas a partir dos conteúdos presentes na Matriz Curricular para o Ensino Fundamental de Anos Iniciais da Rede Municipal de Recife.

Em 2021, ainda em cenário de pandemia, os vídeos das contações de história passaram a atender as datas comemorativas do calendário escolar e eram acompanhados com propostas de jogos educativos, criados no Wordwall ou no live worksheet.

Retornando ao presencial e com as turmas divididas em grupos, o grande desafio agora era fazer da biblioteca um local em que as crianças gostassem de ir, que sentissem o desejo de ter contato com os livros, já que isso não seria possível diante do cenário da pandemia. Dessa forma, antes de cada contação ou mediação de leitura, uma atividade lúdica era proposta, ora explorando a parte artística, como música, leitura e produção de imagens, ora com brincadeiras e jogos. As atividades agradavam os alunos, e os depoimentos do grupo de professores, bem como as perguntas dos alunos pelos corredores toda vez que me viam – "hoje tem biblioteca?" – evidenciaram que a biblioteca havia sido abraçada pelos alunos.

Chegado 2022, com a permissão do retorno presencial de todos os alunos, as propostas das atividades na biblioteca se pautaram por garantir o acesso à literatura a todos os discentes, para além dos conteúdos curriculares, buscando fazer rir, refletir, brincar e se informar através da literatura, contribuindo assim para estimular nos alunos o desejo de se apropriarem da leitura e da escrita, após dois anos afastados da escola e dessas atividades de forma mais rotineira. Servindo como norte o tema do ano letivo "Acreditar, inovar e transformar através da educação", a Coordenação e a professora de biblioteca construíram o Projeto "Viajando no tempo através das invenções humanas", o qual tem como objetivo apresentar algumas invenções humanas que transformaram o modo de viver da humanidade e como elas vêm se inovando com o passar do tempo.

#### A caverna

Se vamos voltar no tempo, por que não começar enquanto ainda éramos nômades e morávamos em cavernas? Daí a escolha do livro "Rupi, o menino das cavernas", de Timothy Bush, embora nessa narrativa o homem já houvesse dominado o fogo, construído suas armas e vivido em comunidade.

Como fazer os alunos viverem uma experiência de como era a vida naquele tempo e se envolverem na mediação da leitura do livro? Construindo uma caverna!

Com o uso de caixas de papelão, papel crepom e papel madeira, uma caverna foi construída na biblioteca e, nas paredes internas, havia imagens correspondentes a imagens feitas pelo personagem principal da história. Era a arte rupestre que entrava em cena – primeiro marco da necessidade do homem de registrar os acontecimentos descobertos, que antecipou a invenção da escrita e que se manifesta ainda nas crianças, como Vigotsky se refere à linguagem simbólica.

Conhecer a arte rupestre fornece às crianças informações sobre o estilo de vida e o desenvolvimento da arte do homem pré-histórico e reforça que a leitura de imagens antecedeu a leitura da escrita.

#### A visita à caverna

Ao chegarem à biblioteca e se depararem com a caverna, a curiosidade das crianças foi aguçada. O levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos a respeito dessa época foi o primeiro passo, e claro que as informações dadas foram riquíssimas, afinal, estamos na era em que a informação está mais perto deles do que nunca.

A sistemática da mediação era: quando chegasse o momento em que o personagem faz seus desenhos nas paredes, a história seria interrompida e os alunos seriam convidados a explorar a caverna e a descobrir que desenhos eram aqueles. As reações foram diversas: receio, alegria... mas, do Infantil ao 5° ano, ninguém se negou a entrar na caverna, tão grande era a curiosidade.

Depois, fotos reais da arte rupestre encontradas na internet foram apresentadas às crianças, a fim de que tentássemos interpretar o que os humanos tentavam expor através dos desenhos. Diante das várias hipóteses e discussões, as crianças chegaram à conclusão de quão importantes eram os registros, e também de quão importante foi a invenção da escrita, como um registro mais fiel para a transmissão de informações, conhecimentos etc.

#### O depois

Após a conclusão da história, os alunos foram convidados a criar a sua arte rupestre, para ser fixada na caverna. Nos questionamentos sobre o que desenhar, foi lançada a sugestão de pensarem em qual mensagem, através de desenhos, eles gostariam de deixar para as pessoas do futuro, sobre este tempo em que estão vivendo agora.

Concluída a atividade proposta, muitos queriam ler livros dentro da caverna e levar o livro lido para a sala e, na semana seguinte, de volta à biblioteca, a pergunta era: "Onde está a caverna?", o que sinaliza que a atividade foi uma experiência prazerosa e que ficará para a história do nosso espaço de leitura, nas memórias emocionais dos alunos e nos registros fotográficos.









# Biblioteca escolar: lócus de educação, cultura, criatividade e inovação

Mizia Batista de Lima Silveira Maria do Carmo Cintra S. dos Santos Salmo Sostenes Pontes Maria Liliam Padilha Ferreira Nympha Muniz de Alencar Secretaria de Educação de Pernambuco – SEDE/GEPAF/UEBLL

#### IIm olhar sohre a hibliotera escolar

Em pleno século XXI, a biblioteca escolar deve ser um favoreça espaço que criatividade consequentemente, desenvolva práticas inovadoras que significativamente contribuam processo educativo/formativo dos estudantes, sem perder de vista a diversidade de nossa cultura e suas manifestações intelectuais e artísticas. Assim, das diversas manifestações de linguagens que a biblioteca escolar fortalece, o cinema é sem dúvida um subsídio audiovisual que favorece o desenvolvimento crítico dos estudantes, proporcionando uma leitura filmica que provoca neles e nos professores a compreensão das emoções, da linguagem corporal, das reflexões críticas, e faz perceber diversas culturas existentes, entre outros conhecimentos. A leitura fílmica possibilita aos sujeitos conhecimentos além dos muros da escola. entrecruzando texto filmico e contexto social. Como afirma Baldin (2015):

A educação pode abordar o cinema como instrumento, objeto de conhecimento, meio de comunicação, e, meio de expressão de pensamentos e sentimentos. Considerar o cinema como um meio significa que a atividade de contar histórias com imagens, sons e movimentos pode atuar no âmbito da consciência do sujeito e no âmbito sócio-político-cultural configurando-se num formidável instrumento de intervenção, de pesquisa, de comunicação, e de educação. (BALDIN, 2015, p. 2)

Portanto, com o cinema na escola, o estudante passa a conhecer a linguagem fílmica no processo educativo, de forma significativa para o seu desenvolvimento. Além disso, essa linguagem contribui na sua formação, no âmbito social-político-cultural. Neste sentido, planejamos e organizamos o Projeto CURTCINE (curtas-metragens através do cinema), como uma prática inovadora e significativa no ambiente da biblioteca escolar. Como objetivos principais, propomos desenvolver a leitura crítica/reflexiva, estimular a criatividade, contribuir no desenvolvimento do ensino e

da aprendizagem, fortalecer a formação da cidadania e favorecer o entendimento da importância das produções cinematográficas no processo educativo dos estudantes dos Ensinos Fundamental e Médio. A fonte inspiradora para o desenvolvimento do CURTCINE foi o Projeto Cinema, Literatura, Livro, Leitura e Biblioteca, desenvolvido pela Gerência de Políticas Educacionais dos anos Finais do Ensino Fundamental – GEPAF, por meio da Unidade de Educação, Biblioteca, Leituras e Linguagens – UEBLL da Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco – SEE-PE.

O Projeto Cinema, Literatura, Livro, Leitura e Biblioteca vem sendo desenvolvido desde 2011 como formação continuada dos(as) Professores(as) Coordenadores(as) de Biblioteca Escolar da Rede Estadual. Consiste no uso de filmes de produção nacional como objeto de estudo, de produção de conhecimentos e de desenvolvimento de habilidades cognitivas, visando a uma educação do olhar para uma leitura crítica/reflexiva da linguagem imagética/fílmica.

### Práxis do Projeto CURTCINE no ambiente escolar

Compreendendo a relevância do cinema na escola, e considerando o que reza a Lei 13.006/2014 (obrigatoriedade da exibição de filmes de produção nacional na escola de Educação Básica), observou-se que os estudantes poderiam expressar suas habilidades cognitivas, criativas e a criticidade através da releitura de filmes do cinema brasileiro. O Projeto iniciou em 2017, tendo como público-alvo os estudantes do Ensino Fundamental e/ou Médio das 95 escolas estaduais sob a jurisdição da Gerência Regional de Educação Metropolitana Sul/SEE-PE, e tem coordenação dos profissionais das bibliotecas escolares.

O projeto CURTCINE traz como referência a relação dos filmes exibidos e debatidos pelo Projeto Cinema, Literatura, Livro, Leitura e Biblioteca. Na relação para as produções estavam: O Auto da Compadecida, Doméstica, Guerra de Canudos, Um Lugar ao Sol, Saneamento Básico, Índio no Poder, Recife Frio, Que Horas Ela Volta?, Vidas Secas, A Hora da Estrela, Garapa e Memórias Póstumas de Brás Cubas.

O referido Projeto teve como proposta metodológica a produção de curtas-metragens nas categorias ficção, animação e documentário. Para tanto, foi elaborado um regulamento que detalhava as estratégias pedagógicas para os profissionais da biblioteca escolar realizarem com os estudantes: 1) Convidar os estudantes para participar do Projeto; 2) Apresentar a relação dos filmes; 3) Escolher o filme com os estudantes; 4) Planejar coletivamente o roteiro para a filmagem; 5) Filmar com o celular; 6) Gravar em DVD; 7) Tempo máximo de 10 min de filme; 8) Preencher o Termo de Autorização de Uso de Imagem; 9) Inscrever o curta para participar do Festival CURTCINE, a ser realizado no auditório da Gerência Regional de Ensino da Metropolitana Sul.

Além do Regulamento, os(as) professores(as) coordenadores(as) foram orientados(as) a promoverem um debate após a exibição do filme, levantando os seguintes aspectos: contexto social em que os personagens estão inseridos; a relação do filme com a própria realidade; os sentimentos que afloraram nos espectadores; cenas marcantes; identificação com algum personagem. A partir desse debate, os(as) professores(as) coordenadores(as) deveriam organizar seria o curta-metragem coletivamente, distribuindo as atividades (escrita do roteiro, locação, direção, cameraman, cenários, guarda-roupa, maquiagem, interpretação...) entre os/as estudantes, observando as habilidades e interesses de cada um/uma.

Em relação ao exposto, Souza (2006, p. 9) coloca que:

[...] o cinema é um rico material didático. Agente socializante e socializador, ele desperta interesses teóricos, questionamentos sociopolíticos, enriquecimento cultural. E cada vez mais, tem-se intensificado o número de programas educativos e formativos em que o cinema é utilizado como um dos aparatos tecnológicos da educação.

Segundo Alves (2006),

O filme como obra de arte é uma instância de totalização concreta capaz de abrir espaços de reflexão e campos de mediação reflexiva para o sujeito receptor, a partir de determinados eixos temáticos e problematizações sugeridas pela obra. Na verdade, cabe ao sujeito receptor apreender (e se apropriar, no sentido conceitual e não apenas existencial) das temáticas significativas do filme. O que significa que o filme não é apenas um texto a ser lido, sendo, portanto, objeto de intervenção hermenêutica, mas um pré-texto para desenvolver novas formas de experiências de conhecimento e de autoconhecimento de uma experiência crítica individual-coletiva (ALVES, 2006, p. 294).

Consideramos que o cinema na escola é muito mais do que entretenimento para os indivíduos, pois a linguagem fílmica possibilita reflexões bastante pertinentes na sociedade. "Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto", afirma Freire (1992, p. 11, 12).

O Projeto CURTCINE foi vivenciado durante os anos letivos de 2017 a 2019 (conforme Tabela 1). A culminância desse trabalho ocorreu no Festival CurtCine, no mês de novembro dos referidos anos, sempre com a participação de convidados/as da área de cinema ou afins, as/os estudantes realizadoras(es), coordenadores/as da biblioteca escolar e professores/as apoiadores/as.

Tabela 1: Produção de curtas-metragens por edição

EDIÇÃO	ANO	QUANTITATIVO DE CURTA METRAGEM
1ª Edição	2017	30
2ª Edição	2018	65
3ª Edição	2019	98

Fonte: Evidências do Projeto.

Quadro 1: Imagens do CURTCINE 2019.







O Festival CurtCine gerou muita expectativa e interesse nos participantes. Na programação, havia uma palestra com convidados e a apresentação de 15 curtas-metragens selecionados para serem exibidos, com direito a pipoca e sorteio de ingressos de cinema. Na primeira edição, foi convidado o cineasta e jornalista Marcos Enrique Lopes; na segunda edição, a convidada foi Andréa Mota, Coordenadora de Audiovisual da Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUNDARPE); e na terceira edição, convidamos a Coordenadora de audiovisual da Secretaria de Cultura de Pernambuco (SECULT), Luciana Poncioni. Seguem alguns relatos dos participantes:

É super importante aliar a cultura com a educação. Trazer o cinema para a escola como espaço de reflexão, informação e debate é uma forma que achamos para que eles treinem seus olhares e comecem a analisar o cinema brasileiro de forma diferente. (Luciana Poncioni, Secretaria de Cultura de Pernambuco – SECULT)

Estabelecer essa correlação entre o filme e a nossa realidade é bem interessante. Em nosso documentário, procuramos mostrar uma realidade que é muito presente no Nordeste, a seca, a fome e o analfabetismo, e mostrar que um livro de Graciliano Ramos escrito há muitos anos pode ser bastante atual. (Maysa Gabriella Bezerra, estudante da Escola Técnica Estadual Governador Eduardo Campos, Camaragibe)

O Festival CurtCine abre muito os horizontes para novos conhecimentos. Foi uma experiência muito boa criar esse filme, uma comédia que traz a realidade do povo ipojucano e, ao mesmo tempo, faz um pensamento crítico sobre o tema. (Kayky Wallacy, estudante da Escola de Referência do Ensino Médio José Mário, Porto de Galinhas)

Um dos projetos mais importantes foi o CurtCine. Houve muita integração entre os estudantes, que se tornaram protagonistas de suas próprias histórias. (Ana Claudia Xavier, profissional da biblioteca escolar da Escola Ministro Jarbas Passarinho, Camaragibe)

"Uma ipojucana arretada", curta-metragem apresentado por Kayky e seus colegas, foi inspirado na produção brasileira "Que horas ela volta?", de Anna Muylaert.

Portanto, diante dos relatos citados, fica evidente a relevância de ter a linguagem cinematográfica no ambiente escolar, desenvolvendo reflexões, interações e criticidades entre os estudantes. É importante que a escola compreenda as leituras fílmicas como uma dimensão pedagógica, que fornece subsídios na construção de conhecimentos necessário à formação dos discentes. Segundo Duarte (2012, p. 19), "Acabam interagindo na produção de saberes e identidades, crenças e visões de mundo de um grande contingente de atores sociais. Esse é o maior interesse que o cinema tem para o campo educacional – sua natureza eminentemente pedagógica."

#### Breves considerações

O compromisso social da escola consiste em assegurar a formação humana integral dos indivíduos, vivenciando práticas pedagógicas que garantam uma boa qualidade de ensino e de aprendizagem, favorecendo o desenvolvimento cognitivo, cultural, social e afetivo de crianças, adolescentes e jovens e que a escola seja um lugar alegre e prazeroso para estudantes, professores e demais profissionais.

Nessa perspectiva, a proposta do Projeto CURTCINE fortalece a função da biblioteca escolar como lócus de educação, cultura, criatividade e inovação, aproximando e envolvendo os discentes e docentes nesse ambiente, proporcionando conhecimentos significativos, com vivências múltiplas consigo mesmo e com outros, de forma crítica e reflexiva.

#### Referências

ALVES, Giovanni. **Trabalho e cinema: o mundo do trabalho através do cinema.** Porto Alegre: Praxis, 2006.

BALDIN, Tatiana Subtil de Vargas. **Cinema na escola: uma nova proposta.** In: Anais do EDUCERE – XII Congresso Nacional de Educação. Curitiba: [s.n.], 2015, p. 29394–29403. Disponível em:

<a href="https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/21797\_11197.p">https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/21797\_11197.p</a> df>. Acesso em: 10 mar. 2022.

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo).

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO (SEE-PE). Festival Curtcine das Bibliotecas Escolares movimenta escolas da GRE Metro Sul. SEE-PE, 12/11/2019. Disponível em: <a href="http://www.educacao.pe.gov.br/portal/?pag=1&cat=37&art=5334">http://www.educacao.pe.gov.br/portal/?pag=1&cat=37&art=5334</a>. Acesso em: 30 mai. 2022.

SOUZA, Edileuza Penha de. **Negritude, Cinema e Educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.



### Festival Literário Xukuru: memórias e histórias Xukuru do Ororubá

#### Carmem Lúcia Bandeira e Maria de Fatima da Conceição Dutra

**O chamado para a civilização** sempre foi explicado pela noção de que existe um jeito certo de estar aqui na Terra, defendido por certa concepção de verdade que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes momentos da história (KRENAK, 2019). Essas ideias estavam pautadas nas maneiras como os colonizadores compreendiam a humanidade. Os povos indígenas nos mostram, a partir de suas experiências, que não existe um jeito certo de estar na terra, mas, como dizia Krenak (2019), existem formas de habitar nela através de outros modos de subsistência que reforçam vínculos com suas memórias ancestrais e referências às suas identidades.

Na Serra do Ororubá, situada no município de Pesqueira, em Pernambuco, onde vive o povo Xukuru, é possível observar um jeito próprio de habitar na terra e produzir suas narrativas, no ritmo, no tempo, inspiradas nas lições da Mãe Natureza. Na compreensão de Santana e Magalhães (2022), a referida serra é um lugar de grande valor para os xukurus, pois lhes garante uma vigorosa condição de pertencimento à sua cosmologia.

O 1º Festival Literário Leitura, memórias e histórias Xukuru do Ororubá consistiu em um momento muito especial, que possibilitou ver, de forma orgânica, como se produzem na prática essas narrativas; como se reelaboram as histórias e renascem os contadores de histórias naquele contexto; e como de fato elas expressam aquela realidade, aquele modo de vida. O festival ocorreu nos dias 03, 04 e 05 de novembro de 2021 e foi realizado por muitas mãos, que acreditam na potencialidade da literatura como instrumento essencial para a transformação da humanidade.

Concebido especialmente pelo coletivo de educadores da COPIXO (Comissão de Professores Indígenas Xukuru do Ororubá), o festival se voltou para um público constituído por estudantes, adolescentes e jovens das mais de trinta escolas das aldeias, que se deslocaram de suas localidades para conhecerem a Xeker de Semente Mãe Zenilda. O publico participou de oficinas e das dinâmicas de transmissão de saberes, denominadas Trilhas do Saber, que foram conduzidas pelos professores, poetas, artistas e outras lideranças que fazem a educação na perspectiva Xukuru.

Há centenas de narrativas de povos que estão vivos, contam histórias, cantam, viajam, conversam e nos ensinam mais do que aprendemos nessa humanidade (KRENAK, 2019, p. 30).

Os professores Eduardo Feitoza e Átila Frazão responderam pela coordenação do festival, que teve como objetivo plantar no coração das crianças e dos jovens as sementes dos saberes do seu povo, fortalecendo os seus vínculos e levando-os a aprenderem a ter orgulho de ser Xukuru.

A <u>Xeker</u> de Semente Mãe Zenilda é um lugar que em si contém os elementos essenciais desse modo de conceber a educação Xukuru, onde se produzem os saberes que geram as narrativas e se exercita a arte de contar, que se opõe ao que tentaram e tentam fazer crer os colonizadores.

A arquitetura, de formato circular e acolhedor, com estrutura de tijolo aparente, ripas e caibros de madeira sustentando o telhado, expressa a conexão com a terra e a mata. "Tudo é natureza", conforme se aprende na Xeker de Semente, nos levando a pensar que "o cosmo é natureza" (KRENAK, 2019, p. 17).

Xeker significa Casa, na língua Xukuru.

#### Sobre as autoras

Carmem é pedagoga, mestra em Educação e formadora do Centro de Estudos em Educação e Linguagem (CEEL).

Fatima é professora da Rede Municipal de Ensino de Paulista, Pernambuco, mestra em Educação e dá apoio ao Centro de Estudos em Educação e Linguagem (CEEL). No centro da casa que mantém o piso de terra, as pessoas mais velhas, especialmente a mãe Zenilda, a matriarca muito respeitada pelo seu conhecimento ligado aos saberes ancestrais, costumam andar descalças. Todas as atividades eram intercaladas com rituais e toadas de coco e toré, acompanhados de toque do membi e de instrumentos percussivos, pedindo proteção aos encantados.

As tradições de cantar e dançar, para Krenak (2019), são uma "experiência mágica de suspender o céu" (p. 32) e uma forma de ampliar o nosso horizonte existencial. Quando a realidade nos impede até de voar em utopias de outros mundos possíveis, é preciso empurrar esse céu para cima e respirar. Num mundo sufocado pelo consumo, inclusive das nossas subjetividades, um evento literário tal como foi realizado se constitui como resistências que insistem em potencializar nosso cuidado com a vida, impedindo que esse céu despenque de vez.

No templo Xeker de Semente mãe Zenilda, a matriarca realiza diariamente sua tarefa de cuidar da terra, conforme os princípios da agricultura do encantamento, e ensina principalmente aos jovens como semear, cultivar, reflorestar, partilhar a colheita, reafirmando que a terra é a mãe natureza dos povos indígenas.

Krenak (2019) já nos alertava sobre os absurdos de nos deslocarmos dessa conexão com a terra, negando a pluralidade de existência, de hábitos e até mesmo das formas de vida. A necessidade de consumir a natureza, de assaltá-la e de colocá-la no mercado revela uma ânsia pelo consumismo que nos distancia das nossas subjetividades.

Santana e Magalhães (2022) consideram que as relações que os povos indígenas estabelecem entre si estão sustentadas pela filosofia do bem viver, ou seja, pela "articulação entre os direitos à terra, à água, à natureza, em harmonia com as culturas locais, à dignidade e à vida" (p. 608). Ancorados nas reflexões de Krenak, os autores apresentam uma filosofia que vai além de uma crítica ao sistema capitalista, e expressa outro modo de conceber a vida, convidando a desenvolver relações de respeito, solidariedade e justiça.

### Inauguração da Sala de Leitura Roseli Cordeiro: homenagem póstuma a uma professora que gostava de ler e contar histórias de seu povo

Uma experiência muito significativa de ler e vivenciar a história propiciada pelo Festival Literário Xukuru ocorreu durante a inauguração da Sala de Leitura Roseli Cordeiro, uma homenagem à professora muito querida que faleceu cerca de um ano atrás.

Na prática ocorreu algo semelhante ao Quarup, para outros povos indígenas, quando se faz de fato, de forma simbólica, o desligamento dos que ficam no plano terrestre dessa pessoa que se encanta e passa a viver em outro plano, mas continua no meio da gente. No Quarup, a simbologia do encantamento se materializa através de um totem de madeira, que daquele momento em diante passa a representar a pessoa que se foi. Todas as lágrimas devem ser derramadas naquele momento, quando o encantamento se dá; dali em diante, não se deve chorar mais por aquela pessoa.

Que lugar melhor do que a sala de leitura para simbolizar o Quarup de Roseli, a continuidade da sua permanência entre os irmãos e as irmãs Xukuru? Ela, que era uma professora querida, amante da causa da leitura na perspectiva das histórias do seu povo? Ela, que se empenhou com toda a alma na construção daquele espaço de leitura?

Roseli Cordeiro foi uma professora indígena Xukuru. No ano de 2020, faleceu de forma inesperada, deixando duas filhas e a dor de uma enorme perda.

A sala de leitura Roseli Cordeiro foi inaugurada na Escola Estadual Indígena Santa Rita – Membi, localizada na Aldeia Pé de Serra dos Nogueiras, Pesqueira - Pernambuco. Membi é um instrumento de sopro do povo xukuru.

Quem viveu a inauguração da Sala de Leitura Roseli Cordeiro sabe o quanto aquele momento foi impregnado de profunda emoção, esteve presente o momento de transfiguração, participou daquela catarse coletiva.

Tupã, que na mitologia do povo Xukuru é uma síntese de divindade guerreira e protetora e que costuma ser muito evocado nos rituais Xukuru, durante a cerimônia não deixou de ouvir os clamores da Mãe Zenilda, cumprindo, com sua sabedoria ancestral, a sua missão de presidir o encantamento, juntando força, acolhendo, consolando, buscando juntar à dor daquela perda o sentido da superação: força tupã, eu quero força tupã! [2x]. Roseli deixou muitas saudades para o povo Xukuru. Ela foi encantada e plantada ao redor da Serra do Ororubá. Sua história de vida como professora indígena marcou todos aqueles que a conheciam e admiravam.

Foram muitas as pessoas que falaram, lembrando, evocando as qualidades de Roseli, manifestando a saudade dela, numa clara demonstração de como a tradição da oralidade é um traço marcante da cultura do povo Xukuru, uma expressão do jeito de ser, de se comunicar, naquela realidade.

Desde que o povo se reergueu e enfrentou, de forma organizada, o processo de retomada das terras, a partir da Constituição de 1988, vem acumulando vivências de processos intensos de reapropriação dos símbolos e ressignificação de seus rituais, que envolvem muita reflexão sobre o que é ser indígena nos dias atuais e geram narrativas que sintetizam o aprendizado e o reconhecimento da terra como a Mãe Natureza, assim como a compreensão de estarem juntos e fortalecidos, lutando pelo direito ao território e pela afirmação do jeito de ser conectado com os saberes ancestrais.

É notório como todos e todas se expressam muito bem, com absoluto domínio dos recursos da comunicação oral, e se destacam na arte de contar as histórias que vão sendo criadas e reelaboradas enquanto eles se reconstituem como povo e reafirmam sua identidade. Assim, as fronteiras que distinguem esse modo de vida da perspectiva do colonizador vão sendo demarcadas.

Isto foi o que se pretendeu evidenciar no Festival Literário Memórias e Histórias do Povo Xukuru de Ororubá: as formas de ler e contar histórias nas aldeias Xukuru, a produção das narrativas como conteúdos de leitura que foram registrados nos Projetos Pé de Livro e De Mandaru a Tatuí, enquanto eram vivenciados no conjunto das escolas das aldeias — o primeiro levando as crianças para ler, ouvir e contar histórias fora dos muros da escola, debaixo das árvores; o segundo,

relembrando a trajetória da retomada da terra pela ação do cacique Xikão (Mandaru), que foi assassinado, e a continuidade da luta pelo sucessor Caique Marcos (Tatuí).

#### Cenas do festival



Fonte: arquivo das autoras

A imagem acima foi criada pelo artista plástico e escritor Geraldo Bananeira, responsável pela criação do desenho da árvore de livros, escolhida como identidade visual do Festival Literário Xukuru: uma árvore com frutos (livros abertos), pensada como forma de dar sustentação à leitura. A imagem de uma pessoa idosa realizando a leitura para as crianças remete à força da tradição passada de geração em geração, e, também, à cultura indígena Xukuru, nos processos de transmissão de saberes.

A imagem de um senhor contando histórias para as crianças nos remete à ideia de que a beleza de contar histórias reside exatamente em não esgotá-las. É sempre estar entre e permitir o perigo que significa não chegar objetivamente em algum lugar . Lembrando um pouco de Benjamim, não acreditamos que os narradores de histórias estão em "vias de extinção". Eles ainda estão caminhando por este mundo. Estão nas praças, nas ruas, nas escolas, nas comunidades, nos festivais literários, ocupando diversos espaços que muitas vezes nem conhecemos.

Geraldo é também autor de vários livros, como **Urubinha e outros** , e desenvolve suas histórias através de uma metodologia interativa com as crianças. Essa metodologia é organizada a partir de um desenho e de uma frase inicial, incorporando, na sequência, as narrativas das crianças, que vão orientando o desdobramento do texto e das imagens.

### Memórias de leitura na organização do povo Xukuru

Segundo Adjailson Vieira, as malinhas de leitura baseada na rememoração foram muito marcantes na definição da escolha da literatura e na construção do Projeto Político-Pedagógico do povo Xukuru. As malinhas foram compostas pelos livros lidos coletivamente durante a formação dos professores e distribuídas com os educadores para circularem nas 25 escolas das aldeias da época. Três daquelas malinhas que circularam entre os anos de 1995/1996 se mantiveram intactas e foram expostas junto com os livros numa das entradas da Casa de Semente.

O encantamento do professor Adjailson durante a descoberta e a leitura daqueles livros contribuiu para planejar as atividades de leitura e no apoio ao processo de alfabetização das crianças indígenas. A frase "na educação literária podemos construir um sujeito da escrita" (COSSON, 2009, p. 16) nunca esteve tão viva quanto no Festival Literário Xukuru. Foram experiências que transformaram o professor Geraldo Bananeira e a poetisa cordelista Ozeni Espíndola, mulher indígena da aldeia Sucupira, e muitos outros, em escritores de histórias. Histórias que nos tiraram do lugar através da declamação de cordéis. Histórias que nos encantaram e que estão penduradas nas árvores dentro da Casa da Semente Xeker como força viva da tradição indígena Xukuru, contadas pela mãe Zeni

#### Referências

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2009.

KRENAK, **A. Ideias para adiar o fim do mundo.** 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTANA, P. M. S de; MAGALHÃES, T. Q.de. Caso Xukuru e o Bem Viver do povo Fulni-ô (PE). Revista Direito e Praxis, v. 13, n. 1, p. 607-635, 2002.





### Histórico da biblioteca municipal de Triunfo

#### Patrícia Vasconcelos Miriam Pereira Lima dos Santos

A Biblioteca Pública Municipal de Triunfo foi criada através da Lei Municipal nº 142/56, em reunião realizada no dia 15/10/1956, pela Câmara Municipal de Vereadores de Triunfo, e sancionada pelo então Prefeito, o Sr. Clementino de Souza Diniz, tendo como primeiro endereço uma sala nas dependências do Centro Padre Ibiapina. Em 12/09/1987, a Câmara Municipal aprovou o Projeto de Lei nº 793/87, que deu novo nome à biblioteca municipal: Biblioteca Pública Municipal Professora Marli Ferreira Diniz, que passou a ter registro no Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, sob o nº 2355, e no Sistema de Biblioteca Públicas de Pernambuco.

A partir de 2017, passou a funcionar em um novo espaço, na Avenida Frei Fernando, com sistema informatizado de catalogação de livros, internet banda larga e gratuita, cabines de pesquisa e estudos com computadores individuais e ampliação do quadro de funcionários e do horário de atendimento (turno noturno e sábados). Durante a Pandemia da Covid 19, a Biblioteca Municipal manteve-se atuante através de ações no formato remoto (Instagram, Facebook e WhatsApp), sendo frequentemente acompanhada e orientada pelo SBPE. Reabriu suas portas ao público de forma gradual em 2021, seguindo os protocolos sanitários recomendados, desenvolvendo ações e projetos, dentre os quais citamos:

#### Projeto leitura ao pé do ouvido, em tempos de pandemia





Sabendo-se que, em meio a uma pandemia, a população idosa passou a integrar um grupo de risco acentuado, mais fragilizado tanto psicológica como fisicamente, a biblioteca passou a atender esse público de forma remota, com a oferta semanal de Podcasts Literários. Havia leitura de textos e/ou fragmentos de textos extraídos de obras de diversos gêneros literários, do nosso integrantes acervo, compartilhada semanalmente no grupo de WhatsApp criado para essa finalidade. O Projeto teve início a partir da divulgação da ação em redes sociais, na rádio local e com o auxílio dos servidores da Secretaria de Desenvolvimento Social. durante suas visitas domiciliares aos idosos, para posterior organização de banco de dados (nome, endereço, número de telefone) dos idosos triunfenses que manifestaram o interesse em participar do Projeto, ou de seus representantes/familiares.

### Live pelo YouTube lembranças em cantos e recitações





A Biblioteca Municipal, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, realizou uma live para o público idoso da nossa cidade e regiões circunvizinhas, através do canal do YouTube da Prefeitura Municipal. Além de homenagear essas pessoas, pretendia-se provocar reflexões sobre a sabedoria adquirida por elas ao longo da vida, as inúmeras contribuições para a formação da cultura e dos valores da nossa sociedade, além de incentivá-las a se tornarem usuários ativos da nossa biblioteca. Estiveram presentes a historiadora Diana Rodrigues Lopes, a poetisa Antônia Paiva, a Secretária Municipal de Educação Miriam Pereira, a professora e contadora de história Erenice Barbosa e o tenor triunfense Igor Alves.

#### Contações de histórias de forma omlime







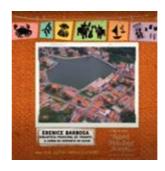
Buscando amenizar os transtornos causados pelo longo tempo de reclusão domiciliar do público infantil, no contexto de pandemia, a Biblioteca disponibilizou, em seu Instagram e no canal do Youtube da Prefeitura Municipal, contações de histórias para as crianças. A finalidade dessa ação foi, além do entretenimento e do despertar do imaginário infantil, cativar esse público numa perspectiva futura de frequência ao espaço físico da Biblioteca. Também foram publicadas contações feitas pela Sra. Lusinete Santos, cedidas mediante parceria com o SBPE (Sistema de Bibliotecas Públicas de Pernambuco).

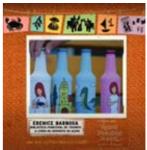
#### Cursos da Recode



Em 2021, em reuniões sob a coordenação da Sra. Marta Diniz, do SBPE, nos foi apresentada a ONG RECODE, representada pela Sra. Ilca Bandeira. Surgiu, assim, para nossa biblioteca, a oportunidade de ofertarmos à nossa comunidade cursos online, gratuitos e com certificação para o público jovem e adulto. Os cursos são disponibilizados pela citada ONG, com a qual firmamos parceria, através da observação de etapas acordadas por ambas as partes, sob a intermediação do SBPE. Esses cursos buscam, dentre muitos aspectos: oportunizar o acesso a conhecimentos tecnológicos de forma qualificada, servir como ferramenta propulsora tanto para a formação integral desse público quanto para a facilitação na busca por oportunidades de trabalho. A inscrição e a vivência dos cursos na Plataforma RECODE iniciaram-se em setembro de 2021, sendo renovadas para o ano de 2022.

#### VIII feira de leitura: territórios interculturais de leitura-CEEL/UFPE





Por intermédio do SBPE, fomos convidadas a participar do evento, entre os dias 16 e 19/10/2021, integrando o grupo das bibliotecas que fariam contações de histórias, transmitidas no Youtube, pelo canal de Extensão e Cultura da UFPE. "A Lenda da Serpente do Açude" foi a história escolhida, por ser própria de Triunfo, com o propósito de compartilhar um pouco da cultura e história da cidade, localizada em torno de um lindo açude, conhecido por Lago João Barbosa Sitônio. A narrativa foi feita pela funcionária municipal Erenice Barbosa.

### Projeto empoderamento, missão e cor-ação









#### Cerimônia de entrega das coleções da biblioteca básica brasileira



Na cerimônia realizada no dia 16 de dezembro de 2021, na sede da Biblioteca Pública Estadual, em Recife - PE, que contou com a presença do Sr. Gilberto de Mello Freyre Neto, o Secretário de Cultura de Pernambuco, a Biblioteca Pública Municipal Marli Ferreira Diniz esteve presente, representada pela Secretária Municipal de Educação de Triunfo, Miriam Pereira, e pelas professoras Patrícia Vasconcelos e Erenice Barbosa. Lá, recebemos as coleções da Biblioteca Básica do Brasil, doadas pela Fundação Darcy Ribeiro à Secretaria de Cultura de Pernambuco, através do Projeto Editorial Biblioteca Básica Brasileira. Fomos uma, dentre as Bibliotecas Públicas, escolhida para receber esse prêmio, graças às ações que conseguimos desenvolver em período de pandemia, no ano de 2021.

#### Nossa Biblioteca Digital



A Biblioteca Pública Municipal Professora Marli Ferreira Diniz participou da primeira convocatória de Bibliotecas Públicas Municipais Comunitárias e Escolares, organizada pela TocaLivros, sendo selecionada e premiada com um acervo de mais de vinte mil ebooks e áudios livres. Esse acervo digital e gratuito passou a ser disponibilizado para toda a comunidade triunfense a partir do ano de 2022.

#### Considerações finais

Apesar das dificuldades comuns à caminhada, o trabalho dessa Instituição Pública se fortaleceu ainda mais nos últimos anos: a comunidade se sente parte integrante dela e reconhece o seu emprenho para bem servi-la; temos o apoio constante da gestão municipal, através da Secretaria Municipal de Educação; planejamos e vivenciamos diversos Projetos; temos parcerias concretizadas.

Destacamos aqui o suporte que temos recebido do Sistema de Bibliotecas Públicas de Pernambuco. Ele foi parceiro, formador e grande incentivador do nosso trabalho, especialmente ao longo do período de pandemia, nos impulsionando a seguir a partir das necessidades que emergem da comunidade na qual estamos inseridos, para que assim o conjunto de ações desenvolvidas seja constantemente ressignificado.

Ao longo dos seus 65 anos de existência, a Biblioteca Municipal vem procurando superar os desafios ao qual se propôs: contribuir para a difusão do conhecimento e para a formação de valores; preservar e divulgar a cultura local.

Estar sediada em um município conhecido como o "Oásis do Sertão" é um convite sugestivo à Biblioteca Municipal de Triunfo, para renascer a cada dia em seus propósitos e ações, para assim bem servir à comunidade. Seguimos confiantes.

#### Sobre as autoras

Patrícia é Coordenadora da Biblioteca Municipal Professora Marli Ferreira Diniz Triunfo, Pernambuco.

Miriam é Secretária de Educação de Triunfo, Pernambuco.

### Espaços de brincar da Rede de Bibliotecas pela Paz – trabalhando a primeira infância, formando futuros leitores

Deborah Echeverría Tereza Marinho Gerentes da Rede de Bibliotecas pela Paz

A Rede de Bibliotecas pela Paz da cidade do Recife, vinculada à Secretaria de Segurança Cidadã, é composta por seis bibliotecas (duas populares, nos bairros de Afogados e Casa Amarela, quatro nos Compaz – Centros Comunitários da Paz –, uma bebeteca, instalada no Geraldão, e um ponto de leitura, instalado no Hospital do Idoso), que têm como objetivo diminuir a violência e ampliar o potencial e as oportunidades para o público frequentador, através de ações cotidianas e planejadas, sendo estas literárias, culturais e de entretenimento.

Trabalhar a primeira infância nas bibliotecas municipais sempre foi uma missão desafiadora, requisitando que, no nosso corpo funcional, houvesse profissionais da área de Pedagogia, pensando e formatando propostas de atividades com base na multidimensionalidade do desenvolvimento infantil e na perspectiva da apresentação da biblioteca como um espaço lúdico e convidativo ao universo das artes, da cultura, da literatura e do brincar.

A Prefeitura do Recife, em 23 de dezembro de 2020, aprovou e sancionou o Plano Municipal para a Primeira Infância, tornando-se a 4ª cidade do país a ter um instrumento norteador com força legal. A partir desse marco, várias iniciativas intersecretariais começaram a ser delineadas: uma delas foi a articulação e a parceria com a Fundação Bernard Van Lee, que, através da ONG Descobrir Brincando, propiciou à Secretaria de Segurança Cidadã, responsável pela Rede de Bibliotecas pela Paz, a instalação dos Espaços de Brincar – que nomeamos de Bebetecas, por estarem dentro da biblioteca e seguirem a mesma filosofia e missão adotadas pela Rede – e a formação das equipes de trabalho, visando discutir o entendimento da concepção do espaço, dos objetos e da filosofia de uso e sua mediação. Segundo a ONG Descobrir Brincando,

os espaços de brincar têm como objetivo sensibilizar e ajudar os adultos na missão de cuidar e educar crianças pequenas, a partir de inspirações da abordagem Pikler.
Enxergar o bebê através dessa abordagem permite entender como nós, adultos, podemos contribuir com o período de maior transformação humana, que é o começo da vida. Esses espaços instalados em bibliotecas públicas ampliam o leque de oportunidades para as comunidades menos favorecidas de seus entornos, atraindo pais e crianças para um ambiente agradável, lúdico, seguro e instrutivo. (BALDIN, 2015, p. 2)

Os encontros formativos se deram de forma online, propiciando o entendimento sobre aspectos da Neurociência e o começo da vida, rotina de cuidados, desenvolvimento motor, o brincar, vínculo, autonomia, interação entre os bebês e outros..., ministrados por especialistas da ONG.

A instalação desses espaços ocorreu no mês de março de 2022, nas bibliotecas Afrânio Gogoy (Compaz Gov. Eduardo Campos), Biblioteca Jornalista Carlos Percol (Compaz Escritor Ariano Suassuna), Biblioteca Escritora Clarice Lispector (Compaz Dom Hélder Câmara). Além da instalação, ocorreram também formações no formato presencial e com a participação de crianças de até 4 anos. Os arte-educadores pedagogos realizaram o planejamento operacional dos espaços, como a divisão por faixas etárias, considerando o quantitativo de ocupação, os horários, as atividades a serem desenvolvidas, entre outros aspectos, buscando mediar as interações no espaço como um todo. Em maio de 2022, as bebetecas começaram a funcionar, obedecendo aos processos de inscrição, formação dos grupos, conversa inicial com os responsáveis, que receberam um panfleto chamado "Guia para as Famílias" e as orientações gerais para o uso. Os profissionais foram orientados a registrar em diário de bordo todas as situações ocorridas nos primeiros meses de funcionamento, para realização das avaliações periódicas.

Entendemos a biblioteca como espaço de convivência, espaço seguro, atrativo e comprometido com a formação dos pequenos leitores.

# Escola leitora: quinze anos de leitura, encantamento e criatividade

#### Cícera Maria

No presente relato, faremos uma breve apresentação da política de leitura literária em construção no município de Caruaru-PE, através da ressignificação das Bibliotecas Escolares enquanto espaços vivos e de acesso à leitura literária, ilustrando – através de uma atividade de mediação desenvolvida no período de atividades escolares remotas e outra na retomada das aulas presencias – como as práticas de expressão da arte literária são possibilidades que contribuem para os seres humanos lidarem com as adversidades.

A Biblioteca Escolar (BE) no Brasil está diretamente ligada à exclusão e aos modelos pedagógicos adotados ao longo da história da nossa educação. Assim sendo, a falta da universalização da educação também implicou ausência de Bibliotecas Escolares. Em "História das ideias pedagógicas no Brasil", Saviani (2011) cita a inovação instituída no final do século XIX pela Reforma Couto Ferraz, ao prever a criação de bibliotecas escolares, bibliotecas populares e bibliotecas pedagógicas.

Portanto, a Biblioteca Escolar, muitas vezes, é chamada a se alinhar à concepção pedagógica hegemônica em cada período histórico para que, através das ações que desenvolve, fortaleça as práticas educativas vigentes. Dessa forma, compreendemos que quando a BE busca materializar um projeto de leitura que se confronta com a política de educação corrente, emergem diversos conflitos, incluindo, dentre esses conflitos, a falta de espaços físicos para a instalação da BE.

Claudia Alonso, ao empreender pesquisa em documentos oficiais nos quais aparecem as concepções políticas de Biblioteca Escolar no decorrer da história da educação no Brasil, afirma que "a biblioteca escolar é considerada como um espaço privilegiado para a democratização da cultura, chamando a atenção para a necessidade de acesso e de mediação do professor e do profissional responsável por esse espaço" (ALONSO, 2007, p. 74).

Sobre a concepção de Biblioteca Escolar, o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) explicita que

#### Sobre a autora

Mestra em Educação Contemporânea pela UFPE-CAA. Coordenadora das Bibliotecas Escolares da Rede Municipal de Ensino de Caruaru.

por biblioteca entende-se um espaço adequadamente organizado, com condições de leitura individual e coletiva, acesso a fontes de informação diversas, com acervos próprios para os públicos a que se destinam, condições de acessibilidade para os portadores de necessidades educacionais especiais, pessoal qualificado capaz de tornar a leitura uma atividade atraente para as diversas faixas etárias. A biblioteca da escola não se resume nem se confunde com uma biblioteca de livros didáticos. Ela deve ser tanto ponto de apoio para os temas escolares como também porta de acesso ao universo da literatura e das novas mídias (MARQUES NETO, 2010, p.114, grifo nosso).

Considerando as diretrizes do PNLL, em escolas do município de Caruaru, o Projeto Escola Leitora começou a ser implantado em 2007, quando foi firmada parceria com a Organização Não Governamental (ONG) Bagulhadores do Mió. Em julho de 2011, o contrato de parceria entre Bagulhadores do Mió e o município terminou, e a coordenação das ações ficou inteiramente a cargo da Secretaria de Educação, através da Coordenação de Bibliotecas Escolares (CBE), instituída no organograma da Rede a partir de janeiro de 2009. A CBE tem como centralidade promover a continuidade e a permanência das ações para formação de leitoras(es) a partir da Biblioteca Escolar.

Essas ações são direcionadas observando-se os quatro eixos do Projeto: o primeiro eixo é a criação de espaços convidativos, pois o ambiente físico é compreendido como possibilitador da mediação entre o livro e o(a) leitor(a). Por isso, esse espaço deve dispor de ambientação, mobiliário e acervo que contemple as demandas do público atendido pela unidade de ensino.

Bagulhadores do Mió foi institucionalizada como Organização Não Governamental em agosto de 2002, com o objetivo de desenvolver processos socioeducativos com enfoque nos direitos humanos. O segundo eixo é a organização e qualificação do acervo. obietivo. foi produzido. professoras(es) de bibliotecas, o Manual Procedimentos Técnicos, em que estão contidas as orientações para classificação e tombamento do acervo. O terceiro eixo é a vivência de atividades de leitura. Esse eixo se desenvolve a partir do planejamento de um cronograma de mediações de leitura, em que todas as turmas da escola são contempladas. Nesse sentido, no dia e horário agendados, alunas(os) com o(a) professor(a) de sala de aula vão à biblioteca, onde é desenvolvida a mediação de leitura pela professora ou professor da biblioteca. O quarto eixo é a formação continuada das equipes de bibliotecas. Essa formação é pensada e desenvolvida com o objetivo de contribuir com a formação de leitoras(es) de literatura, através do fortalecimento e da ressignificação das Bibliotecas Escolares (BAGULHADORES, 2010).

Em quinze anos de Escola Leitora, são muitas as resistências e tensões, especialmente a partir de 2016, com a intensificação dos desmontes das políticas públicas sociais por parte do Governo Federal e, consequentemente, a fragilização dos investimentos em educação e cultura. Entretanto, permanecemos construindo veredas na busca de garantirmos o acesso ao livro e à literatura enquanto direito humano, como muito bem nos lembra o mestre o Antonio Candido (2004). Nessa perspectiva, mesmo no período das atividade remotas, que no munícipio perdurou de 17 de março de 2020 a 30 de agosto de 2021, as professoras e professores de bibliotecas participaram dos encontros de formação continuada em formato virtual para o planejamento e desenvolvimento de ações a serem ofertadas às/aos estudantes.

Durante os guase 18 meses de atividades remotas, as professoras e professores de bibliotecas de 43 escolas da Rede Municipal de ensino de Caruaru se desafiaram a realizar mediações entre os suportes tecnológicos e os novos formatos de estimular o interesse e o acesso de crianças, jovens e adultos à leitura literária. Nos planejamentos, primamos pelo estímulo à interação das/dos estudantes a partir das mediações de leitura literária propostas. Em 2020 realizamos/propomos atividades com os seguintes temas: Do Oriente ao Ocidente: haicais; Vem cá que eu te conto: viajando pela América Latina e o Caribe; Primavera da leitura: Eu conto. Você canta!; Contos: uma viagem pelo mundo mágico da leitura; Escrevivências: a arte de expressar a vida. Durante as atividades remotas de 2021 foram desenvolvidas mediações com as temáticas: Solano Trindade: vento forte afriacano; Literatura de cordel: construção poética nordestina; Literatura (en)cena: a arte imita a vida!; Vivendo e descobrindo: imaginar é preciso!; Cora Coralina: doces memórias em versos e

prosas; Entre o baobá e o panô: memória, resistência e ancestralidade na construção da consciência negra.

Dentre as mediações realizadas no ano letivo de 2020, partilhamos alguns registros de atividades que as(os) professoras(es) de bibliotecas ofereceram (contos, poemas, músicas) às/aos estudantes, e estes retornavam com uma memória musical, inclusive construindo instrumentos musicais e promovendo saraus. Para fortalecer o planejamento dessas atividades foi realizado um encontro com a arte-educadora Adriana Sales e as professoras e professores de bibliotecas, com o objetivo de provocar a criatividade da coletividade.

Escola Municipal Professora Margarida Miranda



Escola Municipal Pedro de Souza



O retorno às atividades presenciais para a maioria das/dos estudantes foi marcado pelo tema "Entre o baobá e o panô: memória, resistência e ancestralidade na construção da consciência negra". Uma das nossas intencionalidades ao pensarmos, coletivamente, a proposta foi estimular a comunidade escolar a expressar suas memórias, tendo como referência a história de resistência dos povos africanos escravizados, destacando as formas que cultivaram/cultivam as suas memórias e histórias através do baobá e do panô. A partir das mediações das professoras e dos professores de bibliotecas, estudantes, professoras(es) e demais funcionárias(os) foram convidados(as) a registrarem nos panôs, expostos em diversas partes das escolas, a seguinte provocação: Qual memória você guardaria no baobá?

Colégio Municipal Professor Luiz Pessoa da Silva



Escola Municipal Professora Josélia Florêncio



Colégio Municipal Professor Luiz Pessoa da Silva



Escola Municipal Augusto Tabosa



Em quinze anos de leitura, encantamento e criatividade através da Escola Leitora, intensos foram os desafios já superados e muitas serão as pelejas que nos aguardam. No entanto, compreendemos que o fazer cotidiano de professoras e professores de bibliotecas nas escolas da Rede Municipal de ensino de Caruaru contribui para o fortalecimento da leitura, do encantamento e da criatividade das/dos estudantes.

#### Referências

ALONSO, Claudia Maria Rodrigues. **Biblioteca escolar: um espaço necessário para leitura na escola.** Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, Faculdade de Educação, 2007.

BAGULHADORES. **Relatório narrativo, segundo sementre de 2010.** Projeto Escola Leitora, 2010.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura. In: CANDIDO, A. O direito à literatura e outros ensaios.** Coimbra: Angelus Novus, 2004.

MARQUES NETO, José Castilho. (Org.) **PNLL: textos e história.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

SAVIANI, Demerval. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.



# Eventos culturais em territórios interculturais de leitura, literatura e arte

Desde 2021, está sendo desenvolvido o Programa de Extensão "Bibliotecas Comunitárias na UFPE e UFPE nas Bibliotecas", aprovado pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura – Proecx, da Universidade Federal de Pernambuco. O Programa propõe a continuidade da parceria de 10 anos entre o Centro de Estudos em Educação e Linguagem CEEL/UFPE e bibliotecas comunitárias da Região Metropolitana do Recife e de Caruaru (Alto do Moura), além da retomada do Intercâmbio Cultural Recife Xukuru, inciado em 2016, com o objetivo de promover ações educacionais e culturais voltadas para a formação de leitores e para o fortalecimento da disseminação do livro, da leitura e da literatura em diversos contextos. Uma das linhas de ações do Programa de Extensão é a realização de Eventos Culturais e, no ano de 2021, ocorreram 05 eventos, com a realização de atividades nos formatos digital, presencial ou híbrido.

Nessas Cenas de Leituras, compartilhamos e apreciamos alguns momentos especiais que fizeram parte desses eventos. Embora eles tenham ocorrido em momentos pontuais, seguindo um calendário, se integraram enquanto ações que envolveram uma grande equipe de organizadores e de público do CEEL, de 14 bibliotecas comunitárias, de comunidades diversas, de professores e estudantes de redes públicas de ensino e dos povos Xukuru, além de gestores e bibliotecários de bibliotecas e escolas públicas do Recife e de sistemas públicos de bibliotecas escolares e municipais de Pernambuco.

#### Eventos

1º Festival Literário Caranguejo Tabaiares — ocorreu no período de 11 a 15 de outubro, com a temática: O Ato de Ler na Formação Humana, uma homenagem ao centenário de Paulo Freire.

#### Lives





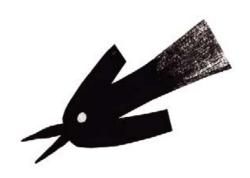




#### Café literário



Entrevista, com Rodrigo Fischer, por Reginaldo Pereira



#### Oficinas











Cartonaria, com Wellington Lima

Cordel, com Allan Sales

Retrato da Palavra, com Betânia (BPC)







Mediar e contar histórias nas bibliotecas comunitárias

1º Festival Literário Xukuru – aconteceu no período de 03 a 05 de novembro, com a temática: Leitura, Memórias e Histórias Xukuru do Ororubá, na Serra do Ororubá, em Pesqueira/PE.

#### Lives



#### Mostras literárias e oficinas





#### Mostras literárias e oficinas













Pé de Livro: mediação de leitura; Codéis, poemas, poesia, versos e paródias;

Arte indígena e contação de história: contos e encantos

#### Apresentação cultural





Samba de Coco; Toypes do Ororubá; Banda de Pífanos Jetuns e jetuiuns de Mandaru

5ª Festa Literária do Alto do Moura (FLAL) — foi promovida pela Biblioteca Comunitária do Alto do Moura, nos dias de 10 a 12 de novembro, em Caruaru, e teve como temática: Memória, Música e Literatura.

#### Lives









#### Oficinas para crianças











Sucateando Histórias Merielle Lino Escola Mestre Vitalino / Caruaru

Artesariato de Barro Grapo Flor de Barro

Ba Feira Territórios Interculturais de Leitura — aconteceu no período de 16 a 19 de novembro de 2021, com a temática: Memórias Literárias e Tradição Oral. Esse é um evento que tem suas edições realizadas no Centro de Educação da UFPE.

#### Lives







#### Circuito infantil





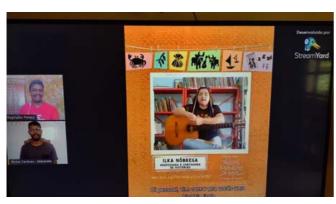
Fanfarronas Pero com Flores – Telefone sem fio (Produção - Peixe Beta Espaço Cultural)







"Ouvir as vozes da infância, de ontem e de hoje. Viva o circuito infantil da Feira. Valeu pela leveza na condução do encontro com as Guardiãs de histórias"





Sacolas literárias — distribuição de 800 sacolas compostas de kits: 02 livros de literatura, bloco, lápis de cor, folhas para desenho etc.



Sacola Literária na biblioteca



Sacola Literária na comunidade



Biblioteca Comunitária Carnguejo Tabaiares



Oficina – Biblioteca Multicultural Nascedouro



Entrega de Kits no Peixe Beta Espaço Cultural com colaboração da Voz na Praça



Oficinas com crianças e mães da Comunidade da Várzea/Recife no Peixe Beta Espaço Cultural



5º Festa Literária do Coque (FELIC) — é promovida pela Biblioteca Popular do Coque (Recife), nos dias 25 a 27 de novembro, com a temática: Literatura Popular e Oral de Cordel.

#### Lives







#### Estação de histórias







#### Oficinas



Biblioteca Popular do Coque



Biblioteca Escolar





### Atividade ¬

### Desenhos a partir de novos contextos

Beatriz de Barros

#### Objetivos

- Exercitar a acuidade visual a partir da seleção de imagens que atraiam o(a) aluno(a), identificando formas e contornos.
- ¬ Resolver problema plástico expressivo ao completar a composição de figura e fundo.

#### Foco

Desenho a partir de problemas relacionados a novos contextos visuais.

# Aspectos relevantes para o trabalho educativo

À atividade possibilita:

- ¬ Ampliação da capacidade de simbolização e resolução de problema visual.
- Expansão do repertório de imagens.
- Exercício da capacidade imaginativa e criadora.

#### **Procedimento**

O estudante deverá ser orientado a:

- Selecionar imagem, pessoa ou objeto, em revistas ou jornais.
- ¬ Recortar a imagem em silhueta, de acordo com os contornos.
- Colar a figura em folha de papel ofício, onde achar mais adequado.
- Só a partir daí deverá receber o novo comando: Desenhar um novo contexto para a imagem. Será dia ou noite? Dentro ou fora de um determinado espaço?
- Quais detalhes podem ser colocados para que os observadores do desenho consigam compreender a relação de figura e fundo?
- ¬ Com o desenho organizado, passar a colorir toda a produção.
- Colocar um título para o trabalho.
- Apresentar o resultado aos colegas.

## Articulação com a aprendizagem da leitura e da escrita

O desdobramento dessa atividade poderá ser bem interessante para a escrita criativa. Depois do desenho pronto e com o título já indicado, pedir ao estudante que pense em uma música que trata do sentimento que ficou ali registrado, que possa funcionar como uma música de fundo.

Depois pedir mais um olhar sobre a produção e o título, cantarolando a música de fundo para a cena criada. Passar daí à organização de registro escrito a partir do gênero que melhor se adequar. Uma poesia? Um pequeno relato? Um conto? Para os que ainda não escrevem, solicitar que eles/elas organizem as ideias para que o professor passe a escrevê-las.

### Atividade ¬

# Chile poesia e (en)cantos

Ana Cristina Gomes da Penha Adilza Regina de Lima e Silva

#### Objetivos

- ¬ Introduzir a literatura chilena a docentes dos anos iniciais do Ensino Fundamental.
- ¬ Evidenciar que a poesia pode ser uma via de acesso à língua espanhola.
- ¬ Aproximar docentes da cultura desse país vizinho.

#### Foco

Poetas chilenos, território e cultura chilenos.

# Aspectos relevantes para o trabalho educativo

À atividade possibilita:

- A introdução à cultura chilena através dos seus poetas, dos seus equipamentos culturais, das suas músicas, da sua culinária e da sua geografia.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin.** Tradução Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2001.

#### Fonte da atividade:

Pablo Neruda – **30 Poemas.** Disponível em: https://poesiaspoemaseversos.com.br/pablo-neruda-poemas/. Acesso em: 02/05/2022.

História de vida – **Pablo Neruda. Youtube.** Disponível em: https://youtu.be/2imroGrWOak. Acesso em: 02/06/2022

Poemas de Gabriela Mistral. Disponível em:

https://www.poemas-del-alma.com/gabriela-mistral.htm. Acesso em: 10 maio. 2022.

NERUDA, Pablo. O coração Amarelo. Porto Alegre: L&PM, 2017.

NERUDA, Pablo. Confesso que vivi: memórias. São Paulo: Bertrand Brasil, 2014.

VALENZUELA, Sandra Trabucco. Gabriela Mistral: **A formação da literatura infantil na américa hispânica.** Disponível em:

https://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/download/105443/104111/185509 Acesso em: 01/06/2022.

#### Sites

https://likechile.com/ Acesso em: 24 maio. 2022. https://www.melhoresdestinos.com.br/o-que-fazer-em-santiago-dicas.html. Acesso em: 15 abril. 2022.

#### Procedimento

- ¬ Acolhida com ambientação e músicas chilenas Mediação − Poesia de Pablo Neruda
- ¬ Roda de diálogo: Conhecendo Pablo Neruda e Gabriela Mistral
- ¬ Chile, que país é esse?
- ¬ Exposição dialogada: (En)cantos do Chile Bingo Cultural
- ¬ Lanche temático
- ¬ Trabalho em dupla: construção do Caderninho de Verbetes: português X espanhol

Encerramento

# Articulação com a aprendizagem da leitura e da escrita

Todas as atividades dessa oficina têm uma articulação direta com os eixos estruturantes da Língua Portuguesa (leitura de textos; produção de textos; oralidade e conhecimentos linguísticos.

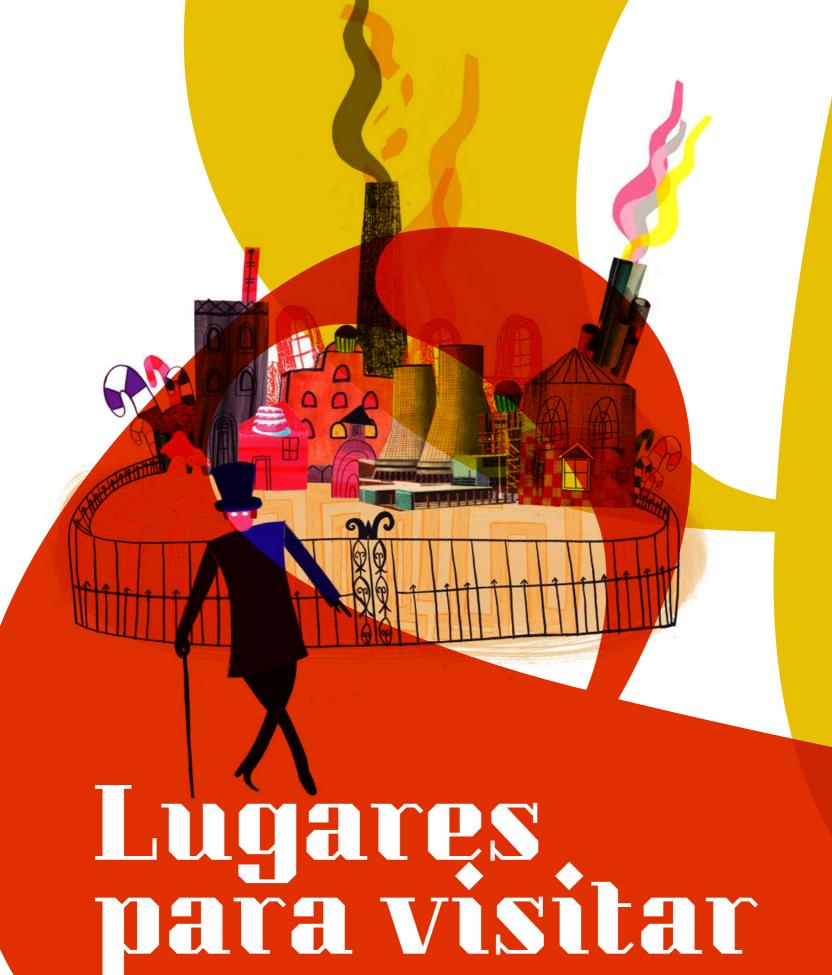
- ¬ A oficina se inicia com a acolhida dos participantes com músicas chilenas, com projeção simultânea de imagens do Chile e com o passeio entre os varais com os cartões postais das casas museus de Pablo Neruda.
- ¬ Na mediação, será feita a leitura do livro "Ode a uma estrela", de Pablo Neruda, destinado a crianças .
- ¬ Na roda de diálogo, todos terão a oportunidade de falar sobre os poetas Gabriela Mistral e Pablo Neruda (curiosidades, vida, obras etc.).
- ¬ Na leitura do mapa político do Chile, iremos localizar as principais cidades e pesquisar as distâncias com o auxílio do celular .
- ¬ Na exposição dialogada, faremos uma viagem pelos equipamentos culturais das cidades de: Santiago, Viña del Mar e Valparaíso.
- ¬ Tomando como base as informações trocadas na exposição dialogada, iremos promover a atividade do bingo cultural em que cada participante irá marcar na sua cartela o equipamento cultural de acordo com a sua característica, apresentada pela mediadora. Quem bater primeiro levará o prêmio, além de docinhos, quando apresentaremos as receitas para que os participantes descubram os pratos que serão servidos.
- ¬ Após o lanche, cada dupla irá escolher cinco palavras em português e irá pesquisar no celular a escrita e o significado em espanhol. Depois disso, a dupla vai construir o seu Caderninho de Verbetes e apresentar para todos.
- ¬ No final, realizaremos a avaliação da oficina, ocasião em que cada participante dirá um adjetivo em espanhol.
- ¬ No encerramento, os participantes ganharão um pendrive com músicas chilenas e marcadores de livros com poesias de Gabriela Mistral e Pablo Neruda.











## Museu do Estado de Pernambuco

#### Por que visitar?

O Museu do Estado de Pernambuco - MEPE - foi criado em 1929, através do Ato 240, Lei pioneira no Nordeste e no Brasil, que autorizava o Governo a criar uma Inspetoria Estadual de Monumentos Nacionais e um Museu Histórico e de Arte Antiga, a ela subordinado. Em 1930, o Museu instalou-se na cúpula do Palácio da Justiça, na Praça da República. Em 1940, o Museu passou a ter suas instalações no Palacete do século XIX, localizado no bairro das Graças, antiga residência do Dr. Augusto Frederico de Oliveira, filho do Barão de Beberibe, onde funciona até hoje como um dos equipamentos culturais do Governo do Estado, gerenciado pela Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUNDARPE).

Além do Palacete, o MEPE abrange o Anexo I – Espaço Cícero Dias, com capacidade para abrigar exposições de médio e grande porte, e o Anexo II – uma casa onde são realizados cursos e oficinas de arte.

Inaugurado em 2003, o Espaço Cícero Dias abriga, no térreo, a exposição de longa duração e o auditório Joaquim Cardoso, onde são realizadas palestras, oficinas, debates e outros eventos ligados à cultura. O pavimento superior, além das galerias de exposições temporárias, abriga o Centro de Documentação Cícero Dias – biblioteca especializada em arte e história com mais de quatro mil volumes entre livros, catálogos e periódicos, alguns deles obras raras, como o livro de Gaspar Barlaeus, escrito em latim, que narra a história do governo de Maurício de Nassau em Pernambuco.

O Museu do Estado de Pernambuco possui atualmente mais de catorze mil itens, agregando importantes coleções que se distribuem nas seguintes categorias: Arqueologia, Cultura Indígena, Presença Holandesa em Pernambuco, Arte Sacra, Cultura Afro-brasileira, Ex-votos\*, Iconografia, Mobiliário, Porcelana, Cristais e Pintura com telas de artistas como Cícero Dias, Telles Júnior, Francisco Brennand e Burle Marx.

\*Qualquer peça de arte oferecida aos deuses, feita como agradecimento por um pedido alcançado. (Dicionário on-line de português, dicio.com.br)

#### O que observar?

Ao visitar o Museu do Estado de Pernambuco - MEPE -, observe a arquitetura do casarão de estilo neoclássico, com amplo jardim ornamentado com vasos e cerâmica portuguesa. A entrada principal é guardada por dois grifos de bronze: cabeça de águia, corpo de leão e cauda de serpente. Aprecie também o mobiliário luxuoso que retrata a época aristocrática da pernambucana, além de muitos objetos, entre quadros, jarros, coleções de porcelana e instrumentos musicais. Na escadaria que nos leva ao terraço frontal estão duas estátuas de zuavos, isto é, soldados de infantaria francesa constituída na Argélia, cujo fardamento foi copiado por outras localidades, inclusive pelos Voluntários da Pátria baianos que lutaram na Guerra do Paraguai (1865-1870). Há também estátuas em mármore que representam as Musas das Artes: Memmosina, da memória, e mais sete das suas nove filhas com Zeus, que são: Euterpe, da música; Polímmnnia, a musa da retórica; Erato, da poesia; Melpomene, da tragédia; Tália, da comédia; Clio da história; e Calliope, da Epopeia.

Vá conferir no terraço lateral um canhão holandês, de bronze, com 3 metros de comprimento e, atrás do Museu, quatro canhões da artilharia portuguesa, que complementam a coleção de armaria.

Por meio de textos, fotografias e mobiliário de época, procure compreender a história do palacete e imaginar como era a vida de uma parcela da população do Recife que tinha esse tipo de residência de verão para passar suas férias.



Foto: http://www.cultura.pe.gov.br/pagina/espacosculturais/museu-do-estado-de-pernambuco-mepe/





















Foto: https://www.museudoestadope.com.br/

















### Para maiores informações:

- ¬ http://www.museudoestadope.com.br
- ¬ https://pt.wikipedia.org/wiki/Museu\_do\_Estado\_de\_ Pernambuco
- ¬ http://www.cultura.pe.gov.br/pagina/espacosculturais/ museu-do-estado-de-pernambuco-mepe/
- ¬ https://cantinhodena.com.br/2018/09/conheca-o-museu-do-estado-de-pernambuco/







# Biblioteca: eu recomendo

# A Brigada de Educação do MTST-PE: a luta pela literatura e a implementação de uma Biblioteca Comunitária

por Maria de Fatima da Conceição Dutra, Amanda Breckenfeld, Ana Luiza de Souza, Clarissa Galvão, Inês Maia, Rávanny Landim, Ingá Patriota, Isis Thayzi Silva de Souza e Maurício Barbosa Lopes

A ideia da implementação da Biblioteca Comunitária na ocupação da Cozinha Solidária do MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto), na Vila Santa Luzia, Torre – Recife, surgiu a partir das articulações da Brigada de Educação do MTST Pernambuco, durante encontros de planejamento de atividades, e a partir do próprio mote de luta do MTST, que é a luta por direitos básicos para todas as trabalhadoras e trabalhadores sem-teto. Nesse contexto, a Brigada de Educação atua no sentido de garantir o acesso à literatura, ao livro e aos processos lúdicos, essenciais à formação humana, tendo a educação como instrumento de luta.

No processo de implantação, a Brigada iniciou o diálogo com outras bibliotecas comunitárias, entre elas, a Biblioteca Caranguejo Tabaiares, no intuito de aprender com a trajetória, a gestão e a experiência de catalogação de livros. Durante esse percurso, recebeu o apoio institucional do Programa de Extensão "Bibliotecas Comunitárias na UFPE e UFPE nas Bibliotecas Comunitárias", como forma de fortalecer as ações em torno da literatura.

Para dar início ao processo de implantação da biblioteca comunitária, a Brigada de Literatura lançou uma campanha de arrecadação de livros, contando com doações e a partir da elaboração de uma lista de títulos infanto-juvenis, privilegiando a literatura antirracista, antimachista, com o intuito de reunir seu acervo inicial. As doações recebidas foram numerosas e serviram para dar suporte às ações de literatura desenvolvidas com as crianças nos cinco territórios de atuação do MTST situados em áreas de ocupações urbanas na cidade do Recife: Ocupação Aliança com Cristo (Jiquiá), Ocupação Carolina de Jesus (Barro), Cozinha Solidária (Torre), Ocupação 8 de Março (Boa Viagem) e a Ocupação do Pocotó (Boa Viagem). Nessas ocupações, estão presentes aproximadamente 450 crianças em situação de vulnerabilidade social em decorrência das tensões territoriais e das dificuldades de acesso aos direitos básicos e aos recursos estatais, como: saúde, espaços de lazer e saneamento básico; e situação de insegurança alimentar, intensificada pela pandemia da Covid-19.

A Brigada de Educação planeja semestralmente um cronograma de tarefas, realiza ações e projetos educativos que envolvem contação de histórias, pinturas, brincadeiras, cineminha nas ocupações, horta comunitária, espaços de lazer e, mais recentemente, o projeto em andamento para a Educação de Jovens e Adultos. A luta do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto é por direitos para todas e todos, e só é possível lutar e reivindicar direitos tendo acesso à informação. Desta forma, consideramos que essas ações são importantes instrumentos de construção coletiva, de troca de ideias, contribuindo para a formação leitora das crianças, dos jovens e adultos militantes e ocupantes do MTST. Sem dúvida, é uma forma de valorizar experiências que alimentam o gosto pela leitura.

#### MTST, a luta é pra valer!















# Resenhas



# O crime do Padre Amaro

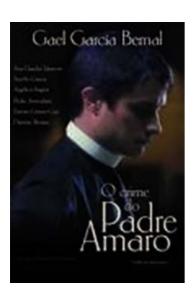
#### Telma Leal

O livro foi escrito por Eça de Queiroz, em Portugal; o ano de publicação: 1875. O tempo passou, mas o tema ainda pulsa no mundo. No livro, política e religião de mãos dadas promovendo a exploração dos trabalhadores, a violência no campo, as práticas milicianas a serviço dos ricos, a corrupção. Dinheiro acima de tudo e de todos. Alguém conhece realidade parecida?

O Padre Amaro, jovem atormentado pelos desejos humanos mais carnais, vive um amor verdadeiro, mas frágil diante do poder da Igreja. Amélia, João Eduardo são algumas vítimas, dentre tantas outras, dessa história.

Qual foi o maior pecado de Amaro? Difícil avaliar, mas com certeza todos eles foram alimentados pela hipocrisia e covardia que mascaram e destroem sentimentos e vidas.

Vi o filme nesta semana. Reencontrei Amélia, Amaro, as beatas. Mas uma versão é sempre uma versão. Que o livro venha em primeiro lugar. Vale a pena conhecer essa história em toda sua intensidade e complexidade, assim como é a vida. &



# Mulheres de cinzas

#### Telma Leal

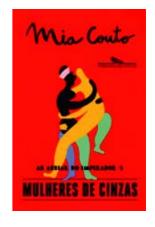
"Não sabemos viver sem medo; domesticamos nossos fantasmas, mas eles se transformam em nós mesmos: somos nós nossas próprias assombrações".

Respirei fundo neste diálogo. "Somos nós nossos próprios fantasmas". Somos nós ao nos negarmos ser o que somos; ao negarmos identidades que nos constituem. É dizendo a fábula dos morcegos que Mia Couto ensina que não há possibilidade de sermos todos, pois assim seremos nenhum. Os morcegos, como ele nos conta, não são salvos por nenhuma espécie, pois não pertencem a nenhuma delas. Peço então que nossa covardia não nos aprisione nas nossas próprias assombrações. Aprendi com Imani!

Imani é uma garota de apenas quinze anos, que, por sua extrema inteligência, recuperou sua própria imagem em um mundo que gritava que os negros, sobretudo as mulheres, não tinham alma. É Imani que enfrenta suas próprias assombrações. Ela percebe que, como mulher, a única forma de sobrevivência seria a invisibilidade, mas não sucumbe às armadilhas que matam pessoas em vida.

É Imani que se faz gente em meio às atrocidades da guerra: "Não sei por que me demoro tanto nestas explicações. Porque não nasci para ser pessoa. Sou uma raça, sou uma tribo, sou um sexo, sou tudo o que me impede de ser eu mesma. Sou negra, sou dos VaChopi, uma pequena tribo no litoral de Moçambique. A minha gente teve a ousadia de se opor à invasão dos VaNguni, esses guerreiros que vieram do sul e se instalaram como se fossem donos do universo. Diz-se em Nkokolani que o mundo é tão grande que nele não cabe dono nenhum".

Nesta narrativa complexa, Mia Couto fala da relatividade das narrativas, dos horrores da guerra, da opressão, da covardia diante da vida e da morte. Nos ensina que "Não são os mortos que pesam. São os que não param de morrer."



## A arte de amar

#### Telma Leal

Discriminação, culpa, violência passeiam entre nuvens da sexualidade feminina. Liberdade e opressão são polos de um trajeto de prazer e de dor ao longo da história.

Michalina Wislocka (1921-2005) inspira esta narrativa que retrata a coragem de uma mulher à frente de seu tempo, década de 1970. Ela, ginecologista, sexóloga, desafiou os dogmas religiosos, o machismo da época, a tirania masculina. Ousou falar abertamente sobre as mulheres, seus desejos, e da profunda ignorância dos homens acerca da sexualidade feminina. Lutou para publicar seu livro e impactou a vida de muitas mulheres e homens. A arte de amar, nome do livro escrito por Michalina, é também o nome desse filme sensível, poético e denso.

Sob um olhar sensível, a diretora Sadowska revela uma trama leve, mas profunda, carregada de história e de sentimentos, mostrando ora a vida amorosa de Michalina, ora sua luta política pelos direitos das mulheres à sexualidade.

O filme tem seu papel libertador nos dias atuais, ainda carregados de preconceitos e medos.

Sexualidade e amor não são ainda matéria simples para homens e para mulheres.

Amar não é matéria fácil.

Eu indico A arte de amar. &





# Um pouco de humor e apurando olhar

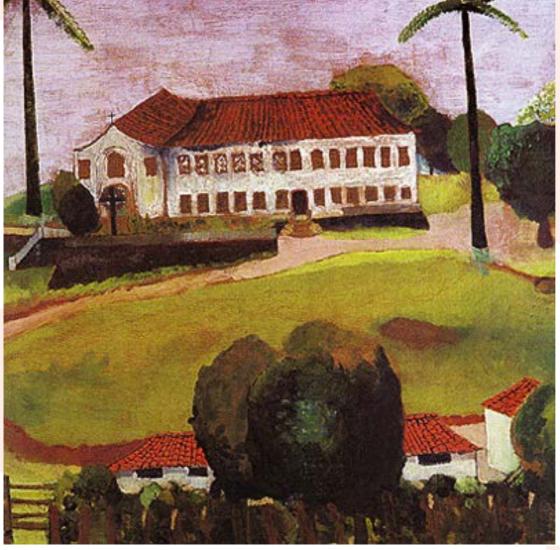
# Desenho e pintura figurativa

Nas 5 primeiras edições desta Revista, pudemos observar vários autorretratos produzidos por grandes nomes das Artes Visuais.

Nesta edição, vamos apurar o olhar com outros gêneros da pintura e escultura figurativas.

#### Arte Figurativa

Representação de paisagens, seres e objetos em suas formas reconhecíveis para os que olham.

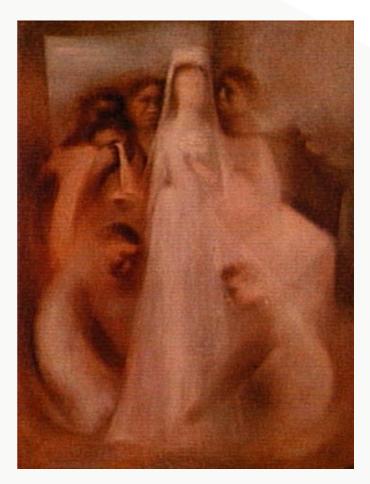


Casa Grande do Engenho Noruega, 1930 Cicero Dias Óleo sobre tela 105,00 cm x 105,00 cm https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra2692/casa-grande-do-engenho-noruega



Abelardo da Hora, A fome e o brado, 194 Bronze, 135 x 60 x 30 cm.

Fonte: Adelante, 2018 https://www.researchgate.net/figure/Figura-2-Abelardo-da-H ora-A-fome-e-o-brado-1947-bronze-135-x-60-x-30-cm-Fonte\_ fig2\_344051007

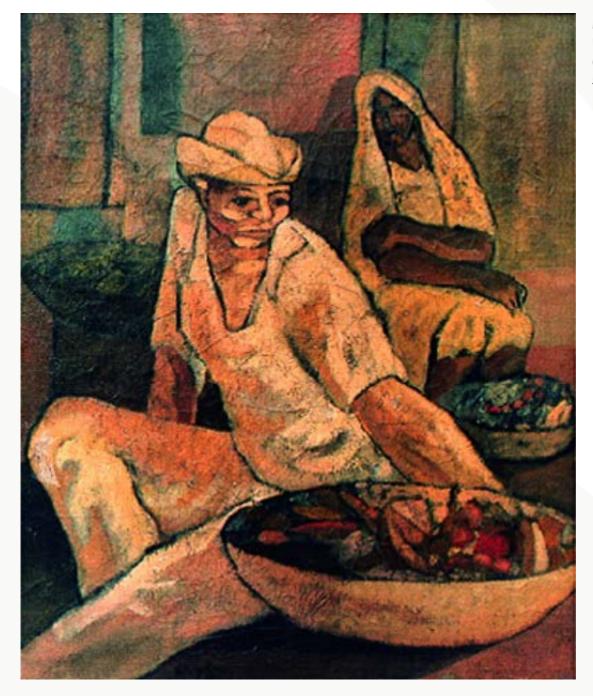


Vestindo a Noiva, 1945 Lula Cardoso Ayres Óleo sobre tela, c.i.d. 73,00 cm x 92,00 cm

Fonte: • VESTINDO a Noiva. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em:

http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra5835/ve stindo-a-noiva. Acesso em: 22 de maio de 2022. Verbete da Enciclopédia.

ISBN: 978-85-7979-060-7



Feirantes, 1953 Wellington Virgolino Óleo sobre tela 53,00 cm x 62,50 cm

FEIRANTES. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra7774/feirantes. Acesso em: 22 de maio de 2022. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

# Já viu cenas como estas?

# **Em esculturas**



Flávio Cerqueira Antes que eu me esqueça, pintura eletrostática sobre bronze, madeira e espelho, 123 x 35 x 20 cm, 2013.

Foto: Ding Musa/ Divulgação https://revistacontinente.com.br/edicoes/245/flaviocerqueira



http://coresdapsique.blogspot.com/2016/06/es culturas-sobre-o-brincar.html



O município de Armação de Búzios homenageia os pescadores que deram origem à cidade com a escultura da artista plástica Christina Motta, **Três Pescadores**. Eleita como a estátua mais bela do mundo pelo site norte-americano especializado em obras de arte, Arts Interface, a estátua está localizada em uma formação rochosa no litoral da cidade onde os moradores praticavam a pesca de arrastão.

Fonte: http://www.qualviagem.com.br/7-famosas-estatuas-brasileiras-para-voce-fazer-uma-selfie/



Fonte:https://www.eonline.com/br/news/594161/ pinacoteca-de-sp-expoe-as-esculturas-hiper-realistasde-ron-mueck

#### Woman With Shopping (Mulher com as Compras)

# **Tirinhas**



Fonte:https://www.espacoeducar.net/2012/07/tirinhas-da-mafalda-reflexoes-sobre.html



Fonte:https://tirasarmandinho.tumblr.com/post/152696030119/tirinha-original



Fonte:https://blogs.correiobraziliense.com.br/aricunha/para-onde-vai-educacao/

#### **Revista Especial**

Lançamento na IX Feira de Leitura do Centro de Educação da UFPE. Esta revista foi impressa pela CEPE Editora, e composta em Fira Sans e Kumar One, projetadas por Carrois Apostrophe e Indian Type Foundry, respectivamente. O papel utilizado foi o offset, 90g no miolo e 150g na capa. Tiragem de 1000 exemplares.

















